

x ACTAS DO
Congresso
Internacional
**A CERÂMICA MEDIEVAL
NO MEDITERRÂNEO**
SILVES 22 a 27.outubro'12



Coordenação editorial de:

Maria José Gonçalves
Susana Gómez-Martínez

Edição de:

Silves
câmara municipal



**X CONGRESSO INTERNACIONAL A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO SILVES - MÉRTOLA, AUDITÓRIO DA FISSUL,
22 A 27 DE OUTUBRO DE 2012**
***10TH INTERNATIONAL CONGRESS ON MEDIEVAL POTTERY IN THE MEDITERRANEAN. SILVES & MÉRTOLA, 22-27 OCTOBER
2012***

ORGANIZAÇÃO: CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES, CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA
EM COLABORAÇÃO COM: AIECM2 E CEAUCP
APOIOS: FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

COMITÉ INTERNACIONAL DO AIECM2
PRESIDENTE: SAURO GELICHI
VICE-PRESIDENTE: SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
SECRETÁRIO: JACQUES THIRIOT
TESOUREIRO: HENRI AMOURIC
SECRETÁRIO ADJUNTO: ALESSANDRA MOLINARI

MEMBROS DOS COMITÉS NACIONAIS
FRANÇA: HENRI AMOURIC, JACQUES THIRIOT, LUCY VALLAURI
ITÁLIA: SAURO GELICHI, ALESSANDRA MOLINARI, CARLO VARALDO
MAGHREB: RAHMA EL HRAIKI
MUNDO BIZANTINO: VÉRONIQUE FRANÇOIS, PLANTON PETRIDIS
PORTUGAL: MARIA ALEXANDRA LINO GASPAR, SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
ESPANHA: ALBERTO GARCIA PORRAS, MANUEL RETUERCE, JUAN ZOZAYA STABEL-HANSEN
PRÓXIMO ORIENTE: ROLAND-PIERRE GAYRAUD

**ACTAS DO X CONGRESSO INTERNACIONAL A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO. SILVES - MÉRTOLA, 22 A 27 DE
OUTUBRO DE 2012**
***PROCEEDINGS OF 10TH INTERNATIONAL CONGRESS ON MEDIEVAL POTTERY IN THE MEDITERRANEAN. SILVES &
MÉRTOLA, 22-27 OCTOBER 2012***
SILVES, OUTUBRO DE 2015

EDIÇÃO /// PUBLISHER: CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES & CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA
COORDENAÇÃO EDITORIAL /// EDITOR: MARIA JOSÉ GONÇALVES E SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
DESIGN GRÁFICO /// GRAPHIC DESIGN: RUI MACHADO
IMPRESSÃO /// PRINTING: GRÁFICA COMERCIAL DE LOULÉ

ISBN 978-972-9375-48-4
DEPÓSITO LEGAL /// LEGAL DEPOT ?????
TIRAGEM /// PRINT RUN: 500

Silves, enquanto realidade com características de urbanidade, conta com mais de mil anos de história. Durante todo esse tempo, a região conheceu momentos de desenvolvimento, de apogeu e de crise, cumprindo ciclos próprios de um certo determinismo histórico.

As fontes escritas mas sobretudo os utensílios usados no quotidiano pelas populações que aqui viveram, de que a cerâmica constitui o testemunho mais abundante, têm permitido a historiadores e arqueólogos uma reconstituição muito real do seu modo de vida, com especial relevância para os cerca de cinco séculos em que viveu sob domínio islâmico.

Consciente da importância da produção de conhecimento científico, enquanto forma de aproximação das populações às suas raízes e às suas memórias mas também da importância de partilha dessas vivências com quem nos visita, o Município não se tem poupado a esforços para promover todas as formas de investigação disponíveis. Para tal recorre, não só aos seus meios, como apoia equipas externas e estabelece parcerias com instituições ligadas à investigação em arqueociências que, a pouco e pouco, vão preenchendo vazios e dando forma e expressão a imagens difusas que povoavam o nosso imaginário.

Foi, por isso, para nós, um imenso privilégio ter tido a oportunidade de realizar em Silves, em parceria com tão prestigiadas instituições como são a Associação Internacional para o Estudo das Cerâmicas Medievais e Modernas no Mediterrâneo e o Campo Arqueológico de Mértola, um tão importante evento, como foi o X Congresso Internacional sobre a Cerâmica no Mediterrâneo, que promove a divulgação e a partilha de conhecimentos em torno do estudo dos objectos em cerâmica.

A décima edição deste encontro, aqui realizada entre 22 e 27 de Outubro de 2012, contou com mais de trezentos participantes, oriundos de cerca de vinte diferentes países, que apresentaram mais cento e cinquenta comunicações, orais e escritas. Esta tão expressiva participação resulta agora neste volumoso livro de actas, que temos o prazer de vos apresentar, certos de que o mesmo constituirá uma referência internacional e será um marco para a história da investigação histórica e arqueológica em Portugal, tornando-se objecto de consulta obrigatória para todos quantos se interessam por estes temas.

Fica-nos o sentimento de ter cumprido mais um objectivo dentro de uma estratégia que definimos para a defesa, preservação e divulgação da nossa história e do nosso património, e a certeza da importância de se aliarem esforços em prol de uma causa que não conhece fronteiras territoriais – o conhecimento do Homem na sua plenitude.

A Presidente da C. M. SILVES
Rosa Cristina Palma

INDICE

TEMA: 1 **AS CERÂMICAS NO SEU CONTEXTO** **POTTERY WITHIN ITS CONTEXT**

SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ | MARIA JOSÉ GONÇALVES | ISABEL INÁCIO | CONSTANÇA DOS SANTOS | CATARINA COELHO | MARCO LIBERATO | ANA SOFIA GOMES | JACINTA BUGALHÃO | HELENA CATARINO | SANDRA CAVACO | JAQUELINA COVANEIRO | ISABEL CRISTINA FERNANDES

1. A CIDADE E O SEU TERRITÓRIO NO GHARB AL-ANDALUS ATRAVÉS DA CERÂMICA 19
ROLAND-PIERRE GAYRAUD | JEAN-CHRISTOPHE TREGLIA
2. LA CÉRAMIQUE D'UNE MAISON OMEYYADE DE FUSTÂT - ISTABL 'ANTAR (LE CAIRE, ÉGYPTE). VAISSELLES DE TABLE, CÉRAMIQUES COMMUNES ET CULINAIRE, JARRES DE STOCKAGE ET AMPHORES DE LA PIÈCE P5 (PREMIÈRE MOITIÉ DU VIII^e S.) 51
VÍCTOR CAÑAVATE CASTEJÓN | SONIA GUTIÉRREZ LLORET
3. CERÁMICA, ESPACIO DOMÉSTICO Y VIDA SOCIAL: EL TEMPRANO AL-ANDALUS EN EL SUDESTE PENINSULAR A LA LUZ DE EL TOLMO DE MINATEDA (HELLÍN, ALBACETE) 56
JOSÉ AVELINO GUTIÉRREZ GONZÁLEZ | JOSÉ LUIS HERNANDO GARRIDO | HORTENSIA LARRÉN IZQUIERDO | FERNANDO MIGUEL HERNÁNDEZ | JUAN ZOZAYA STABEL-HANSEN | CARMEN BENÉITEZ GONZÁLEZ
4. NOTAS SOBRE LA CERÁMICA EN LA ICONOGRAFÍA CRISTIANA DEL NORTE PENINSULAR (SS. X-XII) 68
VANESSA FILIPE
5. ISLAMIC POTTERY FROM THE ÉVORA MUNICIPAL MUSEUM 84
MARCELLA GIORGIO
6. CERAMICS AND SOCIETY IN PISA IN MIDDLE AGES 93
MÁRIO VARELA GOMES | ROSA VARELA GOMES
7. A CERÂMICA E O SAGRADO, NO RIBÂT DA ARRIFANA (ALJEZUR, PORTUGAL) (SÉC. XII) 106
FRANCESCO M. P. CARRERA | BEATRICE FATIGHENTI | CATERINA TOSCANI
8. LE CERAMICHE E LE ATTIVITÀ PRODUTTIVE. RECENTI ACQUISIZIONI DA UN QUARTIERE ARTIGIANALE DI CHINZICA (PI) 114
VESNA BIKIĆ
9. CONTEXT, CHARACTER AND TYPOLOGY OF POTTERY FROM THE ELEVENTH AND TWELFTH CENTURY DANUBE FORTRESSES: CASE STUDIES FROM MORAVA AND BRANIČEVO 125
VALENTINA VEZZOLI
10. THE AREA OF BUSTAN NASSIF (BAALBEK) BETWEEN THE 12TH AND THE EARLY 15TH CENT.: THE CERAMIC EVIDENCE 133
ELENA SALINAS
11. USO Y CONSUMO DE LA CERÁMICA ALMOHADE EN CÓRDOBA (ESPAÑA) 139
MARCELLO ROTILI
12. ASPETTI DELLA PRODUZIONE IN CAMPANIA NEL BASSO MEDIOEVO 148
ALESSANDRA MOLINARI | VALERIA BEOLCHINI | ILARIA DE LUCA | CHIARA DE SANTIS | EMANUELA FRESI | LAURA ORLANDI | GIORGIO RASCAGLIA | MARCO RICCI | JACOPO RUSSO
13. STILI DI VITA, PRODUZIONI E SCAMBI: LA CITTÀ DI ROMA A CONFRONTO CON ALTRI SITI DEL LAZIO. SECOLI IX-XV 158
SILVINA SILVÉRIO | ELISABETE BARRADAS
14. A CERÂMICA MEDIEVAL E TARDO-MEDIEVAL NA BEIRA INTERIOR: MATERIAIS PROVENIENTES DOS CASTELOS DE CASTELO NOVO E PENAMACOR (SÉCS. XII – XVI) 180
ISABEL MARIA FERNANDES
15. A CERÂMICA E SEU USO EM PORTUGAL, A PARTIR DE POSTURAS, TAXAS E REGIMENTOS DE OLEIROS (SÉC. XII A XVIII): A ANÁLISE DE ALGUMAS PEÇAS 188

	MARGHERITA FERRI CECILIA MOINE LARA SABBIONESI	
16.	THE SOUND OF SILENCE. SCRATCHED MARKS ON LATE MEDIEVAL AND EARLY MODERN POTTERY FROM NUNNERIES: PRACTICE AND SIGNIFICANCE	203
	HENRI AMOURIC LUCY VALLAURI	
17.	LA VIE DE CHÂTEAU D'UN VAISSELIER : ROQUEVAIRE PRÈS MARSEILLE, 1593	215
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES ANDREIA AREZES	
18.	RECIPIENTES DE MEDIDAS DA CIDADE DE LISBOA	236
	VICTORIA AMORÓS RUIZ	
19.	LA ESTRATIGRAFÍA COMO HERRAMIENTA	242
	CRISTINA CAMACHO CRUZ	
20.	CANDILES DE PIQUERA. USO Y MORFOLOGÍA EN LA CÓRDOBA DEL SIGLO X	248
	SARA ALMEIDA ALEXANDRE VALINHO JOÃO NUNO MARQUES	
21.	CONJUNTO MEDIEVAL CERÂMICO NO CONTEXTO DA LINHA DE MURALHA DE CACELA VELHA (PORTUGAL)	253
	SILVINA SILVÉRIO ELISABETE BARRADAS	
22.	OCUPAÇÃO ISLÂMICA NA VERTENTE SUDOESTE DA VÁRZEA DE ALJEZUR – O SÍTIO DA BARRADA E A ENVOLVENTE DA IGREJA MATRIZ DE N. SRA. DA ALVA	257
	MARIA JOÃO DE SOUSA	
23.	UMA HABITAÇÃO DO SÉCULO XI/XII SOB A MURALHA DO CASTELO DOS MOUROS DE SINTRA – EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS DE UM CONTEXTO DOMÉSTICO	262
	MANUEL JESÚS LINARES LOSA	
24.	UN NUEVO LOTE CERÁMICO DEL POBLADO FORTIFICADO MEDIEVAL DE “EL CASTILLEJO” (LOS GUÁJARES, GRANADA). LA CASA 7	266
	MARIA INÊS RAIMUNDO VANESSA DIAS	
25.	AL-MADAN E O SEU CONTEXTO NA PENÍNSULA IBÉRICA	271
	VANESSA FILIPE CLEMENTINO AMARO	
26.	CASTLE OF TOREES VEDRAS. ARCHAEOLOGICAL PERSPECTIVES ON A MEDIEVAL CONTEXT	275
	ALBERTO GARCÍA PORRAS MANUEL JESÚS LINARES LOSA MOISÉS ALONSO VALLADARES LAURA MARTÍN RAMOS	
27.	DE CASTILLO FRONTERIZO NAZARÍ A FORTALEZA CASTELLANA. LOS MATERIALES CERÁMICOS DEL ENTORNO DE LA TORRE DEL HOMENAJE DEL CASTILLO DE MOCLÍN (GRANADA)	279
	PILAR LAFUENTE IBÁÑEZ	
28.	CERÁMICA MUDÉJAR SEVILLANA HALLADA EN LA EXCAVACIÓN DEL SOLAR Nº 16 DE LA CALLE CERVANTES DE CORIA DEL RÍO (SEVILLA, ESPAÑA). LOS MATERIALES DEL POZO B	285
	SARA ALMEIDA SUSANA TEMUDO	
29.	CERÂMICA DO SÉCULO XIII, NO CONTEXTO DO BAIRRO JUDAICO DE COIMBRA (PORTUGAL)	291
	TÂNIA MANUEL CASIMIRO TELMO SILVA DÁRIO NEVES CAROLINA SANTOS*	
30.	CERÂMICAS MEDIEVAIS DA RUA DA CORREDOURA (ÉVORA)	298
	ALBERTO LÓPEZ MULLOR	
31.	LA CERÁMICA DEL MAS MONTGRÒS, EL BRULL (BARCELONA), SIGLOS XI-XV	303
	ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA MANUELA C. S. RIBEIRO	
32.	CERÂMICAS MEDIEVAIS (SÉCS. IX-XII) DO CASTELO DE AROUCA (N. PORTUGAL)	310
	M. CARMEN RIU DE MARTÍN	
33.	LADRILLEROS BARCELONESES DE LA PRIMERA MITAD DEL SIGLO XV	318
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES	
34.	CERÂMICAS PINTADAS A BRANCO DO SÉCULO XV/XVI ENCONTRADAS NO CASTELO DE S. JORGE, LISBOA, PORTUGAL	326
	LUÍS SERRÃO GIL	
35.	ENTRE TACHOS E PANELAS: CERÂMICA MEDIEVAL DO SILO DO CASTELO DE PORTO DE MÓS	333

- MARIA RAFFAELLA CATALDO
36. CERAMICA RIVESTITA DAL CASTELLO DI CIRCELLO (BENEVENTO) 340
- GONÇALO LOPES | JOSÉ RUI SANTOS
37. CERÂMICAS ISLÂMICAS DA NATATIO DAS TERMAS ROMANAS DE ÉVORA 346
- MARIA JOSÉ GONÇALVES
38. CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DOS UTENSÍLIOS DO QUOTIDIANO DE UM ARRABALDE ISLÂMICO DE SILVES: A CERÂMICA DECORADA A VERDE E MANGANÊS 353

TEMA: 2

CERÂMICA E ALIMENTAÇÃO

POTTERY AND FOOD

- JOANITA VROOM
39. THE ARCHAEOLOGY OF CONSUMPTION IN THE EASTERN MEDITERRANEAN: A CERAMIC PERSPECTIVE 359
- F. CANTINI | S. G. BUONINCONTI | B. FATIGHENTI
40. CERAMICA E ALIMENTAZIONE NEL MEDIO VALDARNO INFERIORE MEDIEVALE: IL CASO DI SAN GENESIO (SAN MINIATO-PI) 368
- JAQUELINA COVANEIRO | SANDRA CAVACO
41. ENTRE TACHOS E PANELAS: A EVOLUÇÃO DAS FORMAS DE COZINHA (TAVIRA) 377
- JUAN ZOZAYA
42. CACHARROS, FUEGOS, COMIDAS, SERVICIOS, ESCRITURAS... 387
- TÂNIA MANUEL CASIMIRO | LUÍS DE BARROS
43. DE QUEM SÃO ESTAS OLLAS? COMER, BEBER, ARMAZENAR EM ALMADA NO SÉCULO XIII 392

TEMA: 3

O MEDITERRÂNEO E O ATLÂNTICO

THE MEDITERRANEAN AND THE ATLANTIC

- ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA | PEDRO PEREIRA | TERESA P. CARVALHO
44. CONJUNTOS CERÂMICOS DO CASTELO DE CRESTUMA (VILA NOVA DE GAIA, N. PORTUGAL). PRIMEIROS ELEMENTOS PARA UMA SEQUÊNCIA LONGA (SÉCS. IV-XI) 401
- JORGE DE JUAN ARES | YASMINA CÁCERES GUTIÉRREZ | MARÍA DEL CRISTO GONZÁLEZ MARRERO | MIGUEL ÁNGEL HERVÁS HERRERA | JORGE ONRUBIA PINTADO
45. OBJETOS PARA UN ESPACIO Y UN TIEMPO DE FRONTERA: EL MATERIAL CERÁMICO DE FUM ASACA EN SBUYA, PROVINCIA DE SIDI IFNI, MARRUECOS (SS. XV-XVI) 420
- HUGO BLAKE | MICHAEL J. HUGHES
46. THE MEDITERRANEAN AND THE ATLANTIC ARCHAEOMETRICAL RESEARCH ON THE PROVENANCE OF 'MEDITERRANEAN MAIOLICA' AND ITALIAN POTTERY FOUND IN GREAT BRITAIN 432
- HENRI AMOURIC | GUERGANA GUIONOVA | LUCY VALLAURI
47. CÉRAMIQUES AUX ÎLLES D'AMÉRIQUE. LA PART DE LA MÉDITERRANÉE (XVIIIE-XIXE S.) 440
- RODRIGO BANHA DA SILVA | ADRIAAN DE MAN
48. PALÁCIO DOS CONDES DE PENAFIEL: A SIGNIFICANT LATE ANTIQUE CONTEXT FROM LISBON 455
- MARCO LIBERATO | HELENA SANTOS
49. CIRCULAÇÃO DE MATERIAIS SETENTRIONAIS NA SANTARÉM MEDIEVAL 461
- MIGUEL BUSTO ZAPICO | JOSÉ AVELINO GUTIÉRREZ GONZÁLEZ | ROGELIO ESTRADA GARCÍA
50. LAS LOZAS DE LA CASA CARBAJAL SOLÍS, PUNTO DE ENCUENTRO ENTRE EL MEDITERRÂNEO Y EL NORTE DE EUROPA 466
- ARMANDO SABROSA† | INÊS PINTO COELHO | JACINTA BUGALHÃO
51. AS PORCELANAS DA SÉ DA CIDADE VELHA, ILHA DE SANTIAGO, CABO VERDE 473

TEMA: 4

EVOLUÇÃO E TRANSFERÊNCIA DAS TÉCNICAS

EVOLUTION AND TRANSFER OF TECHNIQUES

JOAN NEGRE PÉREZ

52. PRODUCCIONES CERÁMICAS EN EL DISTRITO DE ȚURȚUȘA ENTRE LA ANTIGÜEDAD TARDÍA Y EL MUNDO ISLÁMICO (SIGLOS VI-XII) 483

KONSTANTINOS T. RAPTIS

53. BRICK AND TILE PRODUCING WORKSHOPS IN THE OUTSKIRTS OF THESSALONIKI FROM FIFTH TO FIFTEENTH CENTURY: A STUDY OF THE FIRING TECHNOLOGY THAT HAS BEEN DIACHRONICALLY APPLIED IN THE CERAMIC WORKSHOPS OF A LARGE BYZANTINE URBAN CENTER 493

LÍDIA FERNANDES | JOÃO COROADO | MARCO CALADO | CHIARA COSTANTINO

54. OCUPAÇÃO MEDIEVAL ISLÂMICA NO MUSEU DE LISBOA -TEATRO ROMANO DE LISBOA: O CASO DO APROVEITAMENTO DO POST SCAENIUM NO DECURSO DO SÉCULO XII 509

ROSALIND A WADE HADDON

55. WHAT WAS COOKING IN ALEPPO IN THE TWELFTH AND THIRTEENTH CENTURIES? 519

IBRAHIM SHADDOUD

56. PRODUCTION DE POTERIE CHEZ LES NIZARITES DE SYRIE : L'ATELIER DE MASSYAF (MILIEU XII^e-PREMIER TIERS DU XIV^e SIÈCLE) 525

SERGIO ESCRIBANO-RUIZ | JOSE LUIS SOLAUN BUSTINZA

57. LA INTRODUCCIÓN Y NORMALIZACIÓN DE LA CERÁMICA VIDRIADA EN EL CANTÁBRICO ORIENTAL A LA LUZ DEL REGISTRO CERÁMICO DE VITORIA-GASTEIZ (SIGLOS XII-XV) 534

JAUME COLL CONESA | JOSEP PÉREZ CAMPS | MARTA CAROSCIO | JUDIT MOLERA
TRINITAT PRADELL | GLÓRIA MOLINA

58. ARQUEOLOGÍA, ARQUEOMETRÍA Y CADENAS OPERATIVAS DE LA CERÁMICA DE MANISES LOCALIZADA EN EL SOLAR FÁBRICAS N° 1 (BARRI D'OBRADORS, MANISES, CAMPAÑA 2011) 549

JACQUES THIRIOT | DAVID OLLIVIER | VÉRONIQUE RINALDUCCI

59. FOUILLER LES ENCYCLOPÉDISTES : TRANSFERT DE MODÈLES AUX ANTILLES FRANÇAISES 560

ELENA SALINAS | JUAN ZOZAYA

60. PECHINA: EL ANTECEDENTE DE LAS CERÁMICAS VIDRIADAS ISLÁMICAS EN AL-ANDALUS 573

GUERGANA GUIONOVA | ROCCO RANTE

61. APERÇU SUR LA PRODUCTION DES ATELIERS DE PAYKEND, OASIS DE BUKHARA, OUZBÉKISTAN 577

KRINO P. KONSTANTINIDOU | KONSTANTINOS T. RAPTIS

62. ARCHAEOLOGICAL EVIDENCE OF AN ELEVENTH-CENTURY KILN WITH RODS IN THESSALONIKI 589

LAURA APARICIO SÁNCHEZ

63. EL ALFAR CORDOBÉS DE OLLERÍAS Y SUS PRODUCCIONES (SIGLOS XII-XIII) 596

SERGEY BOCHAROV | ANDREY MASLOWSKIY

64. THE EASTERN CRIMEAN CENTERS OF GLAZE POTTERY PRODUCTION IN 13TH AND 14TH CENTURIES 604

JAUME COLL CONESA | CLODOALDO ROLDÁN GARCÍA

65. COMPOSICIÓN DEL PIGMENTO DE COBALTO Y CRONOLOGÍA DE LA AZULEJERÍA MEDIEVAL DE MANISES (VALENCIA) CONSERVADA EN EL MUSEO NACIONAL DE CERÁMICA 608

JULIA BELTRÁN DE HEREDIA BERCERO | CLAUDIO CAPELLI | ROBERTA DI FEBO
MARISOL MADRID I FERNÁNDEZ | ROBERTA DI FEBO | JAUME BUXEDA I GARRIGÓS

66. IMITACIONES DE CERÁMICAS À TACHES NOIRES EN BARCELONA EN EL S. XVIII. DATOS ARQUEOLÓGICOS Y ARQUEOMÉTRICOS 613

ANNA RIDOVICS | BERNADETT BAJNÓCZI | GÉZA NAGY | MÁRIA TÓTH

67. THE TRANSFER OF THE TIN-GLAZED FAIENCE TECHNOLOGY BY HUTTERITE ANABAPTISTS TO EAST-CENTRAL EUROPE DURING 16TH AND 17TH CENTURIES 619

TEMA: 5

CERÂMICA E COMÉRCIO

CERAMICS AND TRADING

YASEMIN BAGCI VROOM

68. A NEW LOOK ON MEDIEVAL CERAMICS FROM THE OLD GÖZLÜKULE EXCAVATIONS: A PRELIMINARY PRESENTATION 627

EVELINA TODOROVA

69. POLICY AND TRADE IN THE NORTHERN PERIPHERY OF THE EASTERN MEDITERRANEAN: AMPHORA EVIDENCE FROM PRESENT-DAY BULGARIA (7TH–14TH CENTURIES) 637

ISABEL CRISTINA FERNANDES | CLAIRE DÉLÉRY | SUSANA GÓMEZ | MARIA JOSÉ GONÇALVES | ISABEL INÁCIO | CONSTANÇA DOS SANTOS | CATARINA COELHO
MARCO LIBERATO | ANA SOFIA GOMES | JÁCINTA BUGALHÃO | HELENA CATARINO
SANDRA CAVACO | JAQUELINA COVANEIRO

70. O COMÉRCIO DA CORDA SECA NO GHARB AL-ANDALUS 649

CLAUDIO FILIPPO MANGIARACINA

71. LA SICILIA ISLAMICA: PRODUZIONE, CIRCOLAZIONE E CONSUMO DI CERAMICA (IX-PIENO XI SECOLO) 667

GUERGANA GUIONOVA

72. CÉRAMIQUE D'IMPORTATION DU XIVE AU XVIIIE S. EN BULGARIE 681

INÉS M^a CENTENO CEA | ÁNGEL L. PALOMINO LÁZARO | MANUEL MORATINOS GARCÍA
M^a J. NEGREDO GARCÍA | J.E. SANTAMARÍA GONZÁLEZ

73. CERÁMICA DE COCINA RUGOSA DE PASTAS CLARAS/CAMPURRIANA VERSUS CERÁMICA GRANÍTICA/ZAMORANA. PATRONES DE DISTRIBUCIÓN Y EXPANSIÓN EN ÉPOCA BAJOMEDIEVAL Y EN LA TRANSICIÓN A LA EDAD MODERNA EN EL NORTE DE CASTILLA Y LEÓN 692

VASSILEIOS D. KOROSIS

74. CONSUMPTION AND IMPORTATION OF CERAMICS IN A FAIRLY UNKNOWN SITE OF LATE ROMAN GREECE. A CASE STUDY FROM MEGARA, ATTICA, GREECE 701

NATALIA GUINKUT | VICTOR LEBEDINSKI | JULIA PRONINA

75. MEDIEVAL AMPHORAE FROM SHIPWRECKS NEAR CHERSONES TAURICA 707

VÍCTOR FILIPE | MARCO CALADO | SANDRA GUERRA | ANTÓNIO VALONGO
JOÃO LEÓNIDAS | ROMÃO RAMOS | MARGARIDA ROCHA | JACINTA COSTA

76. ACERÂMICA DE IMPORTAÇÃO NO ARRABALDE OCIDENTAL DE LUXBUNA (LISBOA). DADOS PRELIMINARES DA INTERVENÇÃO REALIZADA NO HOTEL DE SANTA JUSTA 711

SYLVIE YONA WAKSMAN

77. LATE MEDIEVAL POTTERY PRODUCTION IN SOUTH WESTERN CRIMEA: LABORATORY INVESTIGATIONS OF CERAMICS FROM CEMBALO (REGION OF SEBASTOPOL / CHERSONESOS)* 719

RAFFAELLA CARTA

78. LA CERAMICA ITALIANA INDICATORE DEL COMMERCIO TRA IL MEDITERRANEO OCCIDENTALE E L'ATLANTICO (SECOLI XV-XVII) 724

JULIA BELTRÁN DE HEREDIA BERCERO | NÚRIA MIRÓ I ALAIX

79. BARCELONA Y EL COMERCIO INTERIOR DE CERÁMICA EN EL SIGLO XVII Y PRINCIPIOS DEL XVIII: VILAFRANCA DEL PENEDÉS (BARCELONA), TERUEL, VILLAFELICHE Y MUEL (ZARAGOZA), VALENCIA, TALAVERA DE LA REINA (TOLEDO), SEVILLA Y PORTUGAL 729

TEMA: 6

NOVAS DESCOBERTAS

NEW DISCOVERIES

RICARDO COSTEIRA DA SILVA

80. MEDIEVAL POTTERY FROM THE FORUM OF AEMINIUM (COIMBRA, PORTUGAL) : A PROPOSAL OF CHRONO-TYPEOLOGICAL EVOLUTION 739

	ABDALLAH FILI	
81.	LE DÉCOR DE LA CÉRAMIQUE DE FÈS À L'ÉPOQUE MÉRINIDE, TYPOLOGIE ET STATISTIQUES	750
	SOPHIE GILOTTE YASMINA CÁCERES GUTIÉRREZ JORGE DE JUAN ARES	
82.	UN AJUAR DE ÉPOCA ALMORÁVIDE PROCEDENTE DE ALBALAT (CÁCERES, EXTREMADURA)	763
	MARCO LIBERATO	
83.	A PINTURA A BRANCO NA SANTARÉM MEDIEVAL. SÉCULOS XI A XVI	777
	THIERRY JULLIEN MOHAMED KBIRI ALAOU VIRGINIE BRIDOUX ABDELFAH ICHKHAH EMELINE GRISONI CÉLINE BRUN SÉVERINE LECLERCQ HICHAM HASSINI HALIMA NAJI	
84.	LES CÉRAMIQUES MÉRINIDES DE KOUASS (ASILAH-BRIECH, MAROC)	792
	ELVANA METALLA	
85.	LA CÉRAMIQUE MÉDIÉVALE EN ALBANIE : RELATIONS ENTRE LES PRODUCTIONS BYZANTINES ET ITALIENNES	807
	ANDRÉ TEIXEIRA AZZEDDINE KARRA PATRÍCIA CARVALHO	
86.	LA CÉRAMIQUE MÉDIÉVALE D'AZEMMOUR (MAROC) : DONNÉES PRÉLIMINAIRES SUR DES VESTIGES DE PRODUCTION POTIÈRE	819
	EBRU FATMA FINDIK	
87.	MEDIEVAL GLAZED CERAMICS FROM MYRA AND NEW RESULTS	831
	SERGEY BOCHAROV ANDREY MASLOWSKIY AIRAT SITDIKOV	
88.	THE KASHI POTTERY IN THE WESTERN REGIONS OF GOLDEN HORDE	840
	ÉLVIO DUARTE MARTINS SOUSA FERNANDO CASTRO	
89.	NOVOS DADOS QUÍMICOS DE FORMAS DE PÃO-DE AÇÚCAR PRODUZIDOS EM PORTUGAL: SÉCULOS XV A XVI	846
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES	
90.	CERÂMICAS COMUNS DA ANTIGUIDADE TARDIA PROVENIENTES DO CLAUSTRO DA SÉ DE LISBOA – PORTUGAL	851
	Mª TERESA XIMÉNEZ DE EMBÚN SÁNCHEZ	
91.	TIPOS Y CONTEXTOS CERÁMICOS EN EL YACIMIENTO EMIRAL DEL CABEZO PARDO (SAN ISIDRO, ALICANTE). UNA BREVE REFLEXIÓN SOBRE LA CULTURA MATERIAL EN EL SE PENINSULAR	861
	CRISTINA GONZALEZ	
92.	QUINTA DA GRANJA 1: CERÂMICA EMIRAL DE UM POVOADO DA ESTREMADURA	866
	DÉBORA MARCELA KISS	
93.	LA CERÁMICA DEL TOSSAL DEL MORO (BENILLOBA, ALACANT). PRIMEROS RESULTADOS DEL ESTUDIO DE LOS FONDOS DEPOSITADOS EN EL CENTRE D'ESTUDIS CONTESTANS	875
	CRISTINA GARCIA PATRÍCIA DORES CATARINA OLIVEIRA MIGUEL GODINHO	
94.	TIPOLOGIA E FUNCIONALIDADE NAS CERÂMICAS DA CASA I DO BAIRRO ISLÂMICO DO POÇO ANTIGO EM CACELA-A-VELHA	882
	MANUEL RETUERCE VELASCO MANUEL MELERO SERRANO	
95.	AZULEJOS ALMOHADES VIDRIADOS A MOLDE DE CALATRAVA LA VIEJA (1195-1212)	887
	ANA CRISTINA RAMOS MIGUEL SERRA	
96.	NOVOS DADOS SOBRE HALQAL-ZAWIYA (LAGOS, PORTUGAL)	893
	KAREN ÁLVARO M. DOLORES LÓPEZ ESTHER TRAVÉ	
97.	UNA NUEVA CONTRIBUCIÓN AL ESTUDIO DE LA LOZA BARCELONESA DECORADA EN VERDE Y MANGANESO	900
	CARLOS BOAVIDA	
98.	MEDIEVAL POTTERY FROM THE CASTLE OF CASTELO BRANCO (PORTUGAL)	906
	FRANCISCO MELERO GARCÍA	
99.	POTTERY OF THE NASRID PERIOD OF CÁRTAMA (MÁLAGA)	912

100. A CAPELA DE SÃO PEDRO DA CAPINHA ATRAVÉS DOS MATERIAIS: A CERÂMICA MEDIEVAL	917
RICARDO COSTEIRA DA SILVA	
101. “TRAÇOS MOURISCOS” NA CERÂMICA DO SÉCULO XV DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE COIMBRA (MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO)	924
IRYNA TESLENKO	
102. CRIMEAN LOCAL GLAZED POTTERY OF THE 15 TH CENTURY	928
MARIA JOSÉ GONÇALVES	
103. CERÂMICA EM CORDA SECA DE UM ARRABALDE ISLÂMICO DE SILVES: CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO	934

O COMÉRCIO DA CORDA SECA NO GHARB AL-ANDALUS

Resumo: Uma das produções cerâmicas mais peculiares do al-Andalus é a que se apresenta decorada com a técnica da corda seca, tanto parcial como total. Esta produção de consumo não generalizado tem uma dispersão pelo território do Gharb português ligada às principais vias de comunicação marítimas e terrestres e aos principais centros urbanos. Pela sua singularidade, torna-se um indicador fiável para definir padrões de consumo, relações de intercâmbio cerâmico e rotas de distribuição comercial. O estudo deste tipo de cerâmica no actual território português pode servir de modelo a aplicar às cerâmicas de luxo e é comparável aos padrões de produção, distribuição e consumo de cerâmicas executadas com outras técnicas. Nesta comunicação, apresentamos um levantamento completo deste tipo de cerâmica em território português, de modo a definir séries baseadas em critérios morfológicos, técnicos e ornamentais, para além de se discutirem áreas de produção, de distribuição, bem como as rotas de intercâmbio.

Abstract: One of the most unique ceramic productions of the al-Andalus is the one that features a partial or total decoration with the technique of cuerda seca. This production for non-general consumption is dispersed within the Portuguese Gharb territory and it is linked to the main maritime and land transport routes and to major urban centers. For its uniqueness it provides a reliable indicator to define consumption patterns, relationships within pottery exchanges and commercial distribution routes. The study of this type of pottery in the current Portuguese territory can be used as a model to apply to luxury ceramics, since it is possible to compare them to the patterns of production, distribution and consumption of ceramics executed with other techniques. In this paper, we present a complete survey of this type of pottery in the Portuguese territory, in order to define series based on morphological, technical and ornamental criteria, as well as to discuss production and distribution areas and exchange routes.

1. INTRODUÇÃO

A técnica ornamental da “corda seca” tem antecedentes em experiências tecnológicas orientais (omíadas e abássidas) presentes, por exemplo, na Síria dos séculos VIII/IX, em peças cerâmicas com pingos vidrados (também chamados de “verdugones”), ou nos que combinam, em bicromia e policromia, o vidrado total ou parcial das superfícies das peças, com ou sem marcação de um traço a óxido de manganés (Déléry e Gómez Martínez, 2006; Déléry, 2006: T. IV, cap. 4). No entanto, embora possa ter herdado estes princípios tecnológicos, a corda seca do al-Andalus, tal como a conhecemos nos modelos decorativos e nas suas variantes parcial e total, não aparece nas olarias orientais podendo, portanto, considerar-se uma inovação, ou reinvenção tecnológica aplicada às cerâmicas policromas peninsulares.

No al-Andalus, as origens desta produção, inicialmente expressa na corda seca parcial, parecem estar ligadas ao apogeu do califado, ao seu desenvolvimento urbano e à fundação de algumas cidades, como Almeria, coincidindo, também, com o crescente incremento das redes de comunicação que permitiram intensificar as trocas comerciais e, conseqüentemente, facilitar a distribuição deste tipo de cerâmicas às mais diversas regiões, incluindo o território do Gharb. Os reinos de taifas continuam a produzir estas cerâmicas e introduzem a novidade da corda seca total, que atinge protótipos decorativos requintados na fase almorávida. Nos séculos XI e XII verifica-se uma grande dispersão destas cerâmicas, principalmente nos centros urbanos e nas fortificações, localizadas em estreita relação com as cidades portuárias, marítimas e fluviais, e as principais vias de comunicação terrestre, que possibilitavam a chegada destas produções às zonas mais interiores do território.

É, pois, pela singularidade desta cerâmica policroma, considerada como indicador fiável para a definição de padrões luxuosos de fabrico e decoração, bem como para a compreensão das redes de distribuição e consumo, que nos propomos avaliar a sua distribuição pelo “Gharb português”. Por outro lado, não poderemos deixar de questionar as cronologias e proveniências destas cerâmicas, ou seja as fases de produção, as áreas de importação que, por sua vez, definem as principais rotas de intercâmbio do Gharb com outras regiões do al-Andalus, e assinalar o actual estado de conhecimentos sobre a existência de centros oleiros que fabricaram este tipo de cerâmicas no extremo ocidental do Gharb.

Não será fácil, porém, responder a todas as questões acima enunciadas, nem muito menos fazê-lo de forma idêntica para a totalidade do território. Em primeiro lugar, este trabalho baseia-se fundamentalmente nos dados bibliográficos disponíveis, havendo plena consciência de que as publicações que referem cerâmicas de corda seca continuam a ser muito escassas e desiguais (por vezes até com imprecisões e erros de atribuição técnica e cronológica, difíceis de resolver sem observação directa das peças). Por outro lado, conhecemos diversos conjuntos importantes que permanecem inéditos, nomeadamente em Lisboa e Évora. Outra das condicionantes é, sem dúvida, o carácter fragmentário da informação, muito desigual de região para região, acrescido do facto de a maior parte dos espólios de corda seca corresponder a reduzidos fragmentos, que não permitem sequer relacionar as formas com os respectivos padrões ornamentais. Não é assim possível de momento, estabelecer análises de carácter estatístico.

Também nem sempre será fácil relacionar as cronologias com os respectivos centros de fabrico, pois para além dos escassos

* Grupo de Trabalho CIGA – Cerâmica Islâmica do Gharb al-Andalus, ciga.portugal@gmail.com, isacrisff@gmail.com, Museu Municipal de Palmela/CEAACP-CAM; clairedelery@gmail.com, Département des arts de l’Islam, Musée du Louvre; susanagomez@sapo.pt, CEAACP-CAM; maria.goncalves@cm-silves.pt, Câmara Municipal de Silves/CEAACP-CAM; isabelminacio@gmail.com, CEAACP-CAM; constancavs@gmail.com, CEAACP-CAM; catgcoelho@gmail.com, DGPC/CEAACP-CAM; marcoliberato@hotmail.com, IEM/CEAACP-CAM; agomes@dgpc.pt, CEAACP-CAM; DGPC/CEAACP-CAM; jacintabugalhao@gmail.com, DGPC/CT/UNIARQ/CEAACP-CAM; hcatarino@fl.uc.pt, FLUC/CEAACP-CAM; scavaco@cm-tavira.pt, Câmara Municipal de Tavira/CEAACP-CAM; jcovaneiro@cm-tavira.pt, Câmara Municipal de Tavira/CEAACP-CAM.

contextos de produção oleira conhecidos, são igualmente diminutas as abordagens arqueométricas de conjuntos cerâmicos (até agora raras e pontuais, restringindo-se aos achados de Lisboa, Mértola e Palmela (ver cap. 2.2.1. e Déléry, 2006, tomo III; Déléry, Chapoulie e Delage, 2009; Chapoulie et alii, 2005; Déléry e Gómez Martínez, 2006; Dias et alii, 2008, 2009a e 2009b; Dias, Prudêncio e Gouveia, 2001; Fernandes, 2003; Gómez Martínez, 2003), o que torna difícil, e de certa forma até ilusório, no estado actual dos conhecimentos, pretendermos distinguir taxativamente as diferentes fases, os centros de fabrico e a sua relação com as redes de distribuição.

Apesar destas e de outras condicionantes, tentaremos expor o estado da investigação, utilizando de forma prioritária, para a datação das cerâmicas, os critérios estratigráficos, e organizando o tema por produções de corda seca parcial e corda seca total, sua distribuição pelo território do Gharb e distinguindo períodos cronológico-culturais.

2. CORDA SECA PARCIAL NO GHARB AL-ANDALUS

As primeiras produções peninsulares de corda seca aparecem durante o califado (929-1031) e correspondem à modalidade técnica parcial (Déléry e Gómez Martínez, 2006; Déléry, 2006), ou seja, aquela que não cobre a totalidade da peça, mas apenas o motivo decorativo, desenhado com fino traço a negro de manganés e preenchido o seu interior com óxidos misturados com fundentes que vitrificam com a cozedura, normalmente em tons de verde e de melado.

2.1. A corda seca parcial no período califal

Os dados arqueológicos existentes na actualidade permitem assegurar a produção de corda seca parcial durante o século X nas olarias de Bayyana/Pechina, Almeria, Murcia e Sevilha, que também produziam cerâmica verde e manganés, embora existam igualmente indícios do seu fabrico noutros centros produtores, como é o caso de Córdoba (Déléry, 2006, cap. 2). Com o apogeu destas produções coincidem as primeiras importações para o Gharb, transportadas principalmente por via marítima e fluvial para os centros portuários meridionais, destacando-se os estuários e as vias fluviais dos grandes rios, como o Guadiana, o Sado e o Tejo.

Os estreitos contactos das cidades marítimas e portuárias do Gharb (nomeadamente Silves, Mértola, Alcácer do Sal e Lisboa) com as suas congéneres andaluzas, especialmente Bayyana/Pechina e Almeria, contribuíram seguramente para a chegada destas cerâmicas ao extremo ocidental do al-Andalus, podendo atribuir-se à segunda metade do século X e ao primeiro quartel do seguinte, os momentos mais precoces dessas cerâmicas no nosso território. No entanto, de momento, é muito reduzido o número de sítios com corda seca parcial atribuída ao período califal, reduzindo-se as ocorrências a Silves, Castelo Velho de Alcoutim, Castelo das Relíquias, Mesas do Castelinho, Palmela e Évora. Assim sendo, parece destacar-se a rota fluvial do Guadiana como sendo uma das principais vias de penetração deste tipo de cerâmicas para o interior do Gharb. Por outro lado, no final

desta fase poderão ainda incluir-se as primeiras expressões de produções regionais/ imitações, para já apenas conhecidas na cidade de Lisboa.

Com cronologia da segunda metade do século X ou das primeiras décadas do século XI, encontramos jarrinhas de colo cilíndrico e corpo globular com motivo fitomórfico (fig. 1.1.) em Mesas do Castelinho (Fabião e Guerra, 1993), no Castelo Velho de Alcoutim (Catarino, 2008: 41, Est. 4 e inéditos) e em Évora, com possível cordão da eternidade (Teichner, 1998: 22 e fig. 8.2.), com paralelos em Córdoba/ *Madīnat al-Zahrā*. Também corresponderia a esta cronologia a jarrinha de colo cilíndrico e corpo bitroncocónico de Castelo Velho de Alcoutim (fig. 1.2.), com paralelos em Nakur e Ceuta, que encontramos em também em Évora (*Ibidem*, 26 e fig. 9.7.).

Uma forma característica deste período é o jarro globular com colo alto e bico comprido (fig. 1.4.) com motivos fitomórficos, que encontramos no Cerro da Vila (Matos, 1991) e que possui paralelos em Múrcia, Lérída e Sevilha.

Uma outra forma recuada no tempo é a bilha de base ligeiramente convexa, corpo globular e colo cilíndrico curvo, com uma única asa (fig. 1.5.), que aparece no Castelo Velho

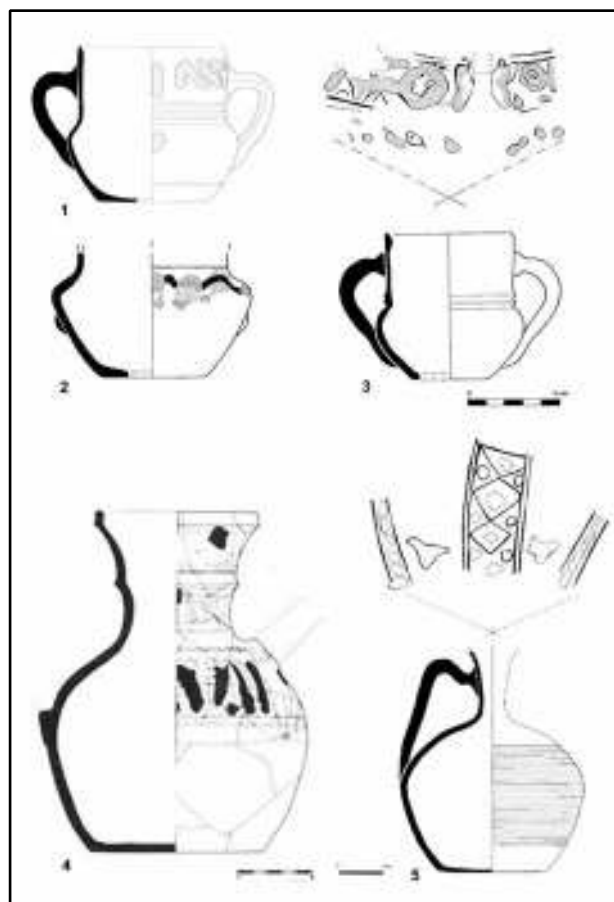


Fig.1 Corda seca parcial do período califal. 1. Mesas do Castelinho (adaptado de Fabião e Guerra, 1993); 2. Castelo Velho de Alcoutim; 3. Castelo Velho de Alcoutim (inédito); 4. Cerro da Vila (adaptado de Matos, 1991); 5. Castelo Velho de Alcoutim.



Fig.2 Dispersão de achados de corda seca parcial de época califal/taifa.

de Alcoutim (Catarino, 1999: 119, Est II.16; *Idem*, 2008: 41, Est V), com uma composição ornamental vertical típica deste momento, como demonstram os paralelos de Córdoba e Múrcia.

Também encontramos fragmentos de corda seca parcial de forma e temática decorativa indefinidas em contextos estratigráficos datados de época califal ou início das taifas de Silves (Gonçalves, neste mesmo volume) e Palmela (Fernandes, 2004).

Não excluimos a possibilidade de existir cerâmica de corda seca parcial deste período em outros sítios, Mértola, por exemplo, até agora, não surgiu em contextos que possam ser datados com segurança de época califal, registando-se apenas fragmentos duvidosos em estratos revolvidos, que não se consideraram por falta de fiabilidade.

Em resumo, a partir dos dados estratigráficos fiáveis, podemos concluir que não parece existir, durante o califado, uma produção de corda seca no Gharb al-Andalus. Os achados correspondem a importações, maioritariamente provenientes do sudeste peninsular (Pechina, Almeria e Murcia).

Parece-nos significativa a completa ausência, até a data, deste tipo de cerâmica em sítios arqueológicos rurais do interior do Gharb, indicando a reduzida capacidade aquisitiva destes núcleos de povoamento e a limitação das redes de distribuição regional para os produtos de importação. Assim, a corda seca parcial surge como um indicador importante da configuração

das redes de tráfego marítimo, que terão surgido ainda em época emiral com as importações dos primeiros vidrados de Pechina para Alcoutim, Mértola, Silves e Lisboa, mas que se intensificam na segunda metade do século X, quando se consolida a estrutura política e militar dos califas omíadas.

2.2. A corda seca parcial no período dos reinos de taifa (século XI)

Durante os reinos de taifa, aumenta significativamente o número de sítios em que a cerâmica de corda seca parcial está presente. Conhecemos centros de produção escavados em Toledo, Badajoz, Saragoça, Múrcia, bem como indícios de produções noutras cidades, nomeadamente em Lisboa (ver cap. 3.1.).

Encontramos as jarrinhas de corpo globular e colo cilíndrico, que agora aparecem com pé anelar na base (fig. 3.1.), no Castelo das Relíquias (Catarino, 1997/98: 439-440, Est. LXXVII. 4; *Idem*, 1999: Est. II. 8), em Mértola (Gómez Martínez, 2006), em Serpa (Soares e Braga, 1986) e Noudar (Rego, 2003), com paralelos em Almeria, Vascos (Toledo), Zaragoza, Niebla e Sevilha. O fragmento de jarrinha de corda seca parcial recolhido em Cascais poderá integrar esta produção (Cardoso e Rodrigues, 1991). Embora algumas das pastas sejam, em observação macroscópica, diferentes das que se observam nas produções dos locais onde foram identificadas estas jarrinhas, o traço descuidado do desenho e a inaptidão técnica na aplicação do vidrado de alguns exemplares, indiciam uma produção regional, que poderá situar-se no sudoeste do al-Andalus, eventualmente, nos atuais distritos de Faro ou Huelva.

Uma forma invulgar é o copo de corpo bitroncocónico com base anelar e uma cuidada ornamentação epigráfica (fig. 3.2.) encontrado em Mértola, e que foi fabricado com uma pasta clara, bem decantada, muito diferente da documentada nas produções regionais deste momento. Deve corresponder a uma importação de origem desconhecida, já que os paralelos conhecidos de Valência e Almeria se revelam pouco aproximados.

São muito frequentes no século XI (sem que seja possível precisar em que decénios) os candis de corpo bitroncocónico, com bico comprido ovalado e facetado (fig. 3.3.) com tema fitomórfico e pastas claras, geralmente distintas das pastas características dos locais em que aparecem (Évora, Moura, Mértola, Alcoutim, Faro, Cerro da Vila e Silves). Os paralelos desta forma estendem-se pelos territórios ocidentais, especialmente os anexados à taifa de Sevilha (Niebla, Mértola, Ossonoba e Silves) e, com menor incidência, os que lhe estão adjacentes: as taifas de Badajoz e de Córdoba. É difícil precisar se se trata de uma produção proveniente de uma única olaria ou se corresponde a uma forma característica de vários centros produtores do Gharb, hipótese que nos parece mais admissível. De facto, é bastante provável o fabrico de candis em corda seca parcial em Córdoba, nos finais do século X ou inícios do século XI (Déléry, 2006: 100), mas tudo indica que haveria outros centros produtores, dadas as características, por vezes grosseiras, das técnicas de fabrico e os temas ornamentais descuidados.

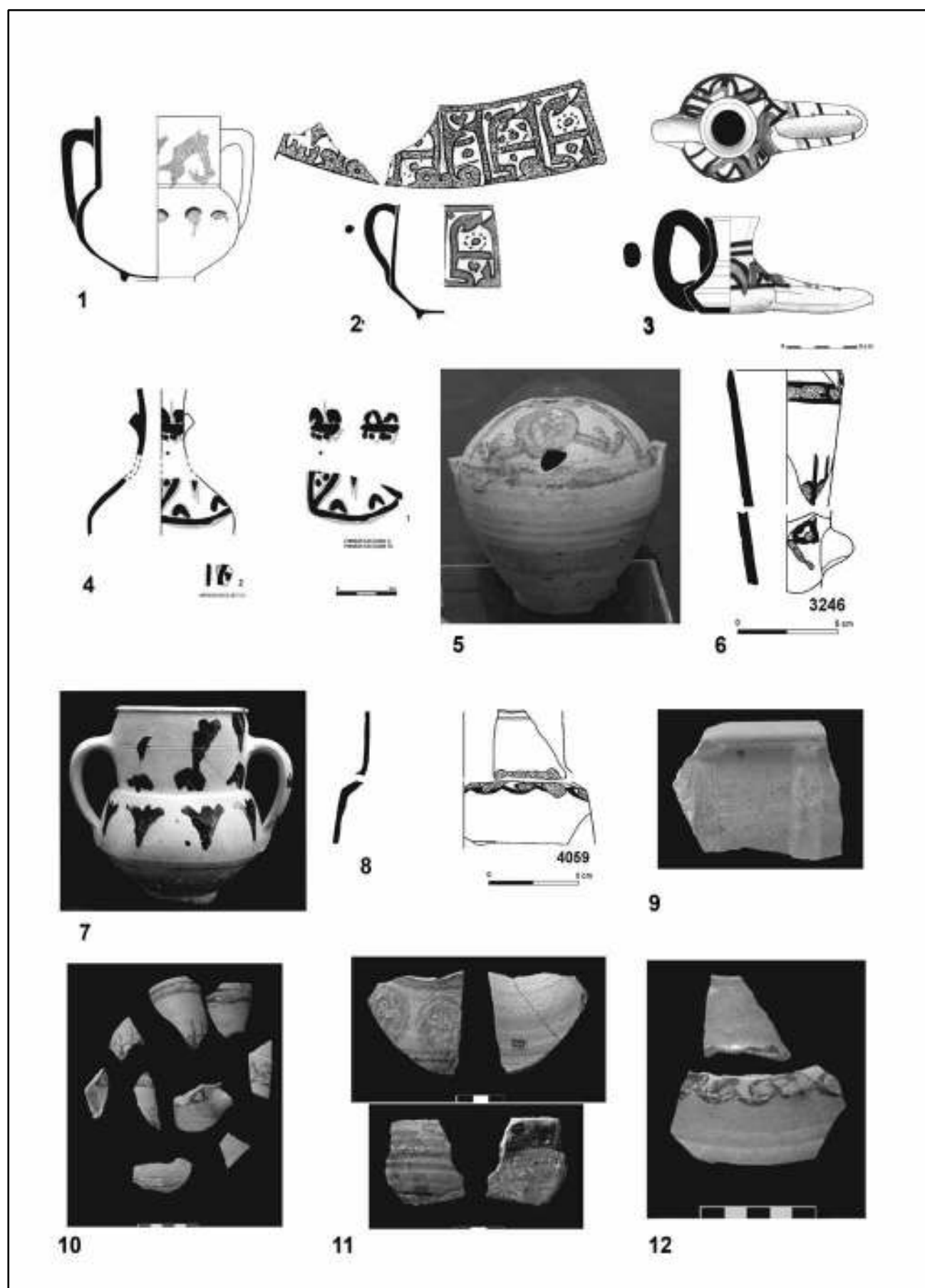


Fig.3 Cerâmica de corda seca parcial da época dos reinos de taifa. 1, 2 y 3. Mértola; 4. Coimbra; 5. Lisboa, produção local (peça recolhida na Praça da Figueira e exposta no Museu da Cidade de Lisboa); 6. Lisboa, Rua de S. Mamede ao Caldas, área do Teatro Romano, produção local (adaptado de Museu da Cidade, [2008]b); 7 a 10, Lisboa, produção local.

Em Lisboa e Santarém surgem com alguma frequência, nos contextos taifas, candis ornamentados com motivos fitomórficos, geométricos (em triângulos), com simples pingos ou borrões de vidro, que poderão constituir uma imitação local/regional, em vidro parcial, dos candis importados em corda seca parcial.

Em Mértola, as peças encontradas em contextos fechados, bem datados no século XI, possuem pastas claras, bem decantadas e compactas (muito diferentes das pastas avermelhadas com abundantes elementos não plásticos das produções locais, bem conhecidas nas produções de Lisboa). Em Lisboa, no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC), também foram documentados dois fragmentos de corda seca parcial, com pasta clara e fina, “corda” escura e semelhanças com os fabricos de corda seca parcial recolhidos em Mértola (Bugalhão e Gómez Martínez, 2005, figs. 38 e 39) que revelam a continuidade nas redes de intercâmbio existentes no período anterior, com marcado carácter marítimo-fluvial. Não se conhecendo centros produtores com objectos de características técnicas e formais semelhantes, apenas podemos especular sobre a possibilidade de tratar-se de importações, eventualmente de Sevilha, a capital taifa da altura, no caso dos artefactos mais depurados, ou da área do Algarve para os que apresentam acabamentos tecnicamente menos elaborados.

Fragmentos de corda seca parcial de época taifa, de tipologia e temáticas indefinidas, foram encontrados também em Silves e Coimbra. Nesta última cidade, recuperada por *al-Manşūr* nos momentos finais do califado e integrada no reino taifa de Badajoz, surge uma bilha de corpo globular, com duas asas e colo troncocónico invertido, estreito e alto (fig. 3.4.; Catarino, Filipe e Santos, 2009: 352, fig. 16), possivelmente produzida em Lisboa.

2.2.1. Corda-seca parcial produzida em Lisboa

Como foi mencionado, nos últimos anos foi possível caracterizar uma produção de corda seca parcial na cidade de Lisboa, apesar de ainda não ter sido identificada qualquer estrutura de produção com a presença inequívoca destas cerâmicas. Após um primeiro momento em que o estudo sistemático de alguns conjuntos cerâmicos, nomeadamente do NARC (Bugalhão e Folgado, 2001; Bugalhão e Gómez Martínez, 2005) e do Castelo de São Jorge (Gomes *et alii*, 2009), revelou exemplares cerâmicos que não se enquadravam nas produções já conhecidas, tem vindo a ser possível, através de estudos arqueométricos, confirmar a sua produção local (Dias *et alii*, 2008).

As pastas cerâmicas produzidas nas olarias islâmicas de Lisboa (NARC, Mandarin Chinês e Largo das Alcaçarias), com recurso a barreiros locais, foram caracterizadas geoquimicamente (Dias, Prudêncio e Gouveia, 2001; Dias *et alii*, 2008; Dias *et alii*, 2009a; Dias *et alii*, 2009b). A análise das pastas de cerâmicas decoradas a corda seca parcial deste grupo distinto, provenientes do NARC (Dias *et alii*, 2008) e do Castelo de São Jorge (Gomes *et alii*, 2009), confirmam a sua afinidade geoquímica e filiação nas produções

cerâmicas locais. Posteriormente, análises arqueométricas dos revestimentos vidrados das peças, realizadas sob a responsabilidade de Claire Déléry (2006), corroboraram a conclusão anterior.

As cerâmicas de Lisboa apresentam, geralmente, pastas grosseiras e mal depuradas, ostentando inclusões variadas e por vezes de grande dimensão. A pasta apresenta, em regra, cor rosada, bege ou mesmo branca, embora também surjam peças com pasta tendencialmente avermelhada. A superfície exterior apresenta cor rosada ou avermelhada (devida a engobe ou pós-cozedura oxidante). O núcleo das pastas e a sua superfície interna têm geralmente cor clara (ou até branca ou acinzentada), denotando ambiente de cozedura menos oxigenado e o efeito deste em peças de forma tendencialmente fechada. O tratamento das superfícies é usualmente alisado mas não particularmente aperfeiçoado, embora o torneado seja cuidado, preciso e elegante (figs. 3.5. a 10.).

O vidroado é, na maioria dos exemplares, verde-esmeralda, variando até ao azul e, menos frequentemente, castanho (nestes casos pode tratar-se de defeito de fabrico). O vidroado no interior da corda é irregular, extravasando com frequência o motivo. A corda, larga e irregular, apresenta-se castanha, embora também surja em tonalidade quase negra ou mesmo avermelhada.

O tipo mais frequente é a bilha de base plana, corpo globular com duas asas e colo troncocónico invertido, estreito e alto (figs. 3.5. e 3.9.) (Bugalhão e Gómez Martínez, 2005: 248; figs. 30 e 31) que surge em abundância em Lisboa, conhecendo-se um exemplar do Alto do Senhor da Boa Morte, em Vila Franca de Xira (Banha, 1998).

Nas olarias de Lisboa produziram-se igualmente jarrinhas de colo cilíndrico e corpo bitroncocónico (figs. 3.6. e 3.8.) (Fernandes *et alii*, “Ocupação medieval islâmica no Teatro Romano de Lisboa...”, neste mesmo volume; Bugalhão e Gómez Martínez, 2005: 249; figs. 32 e 33), com paralelos formais em Nakur e Ceuta. Regista-se igualmente uma jarrinha de colo cilíndrico e bordo extrovertido com tema epigráfico exposta no Castelo de São Jorge com o n.º de Inventário 4629 (Gomes *et alii*, 2009).

Finalmente, foi também registado nos contextos de produção da olaria do Mandarin Chinês um bordo de tigela inacabada (fig. 3.7.) ornamentada na face exterior do bordo por traços verticais de vidroado melado, claramente delimitados por corda (incorrectamente classificada como vidroado parcial em Bugalhão, Sousa e Gomes, 2004: 607; fig. 39).

Aparentemente, esta produção local de corda seca inspira-se em modelos califais produzidos em Pechina, Almeria e Alicante (com os quais apresenta semelhanças morfológicas e ornamentais), que terão chegado a Lisboa e aos territórios mais ocidentais por via marítima, a partir do califado.

A cronologia destas produções não está ainda completamente esclarecida. No estado actual da investigação, embora

não se exclua completamente a possibilidade do início da produção poder remontar ao final do califado, propõe-se uma cronologia inicial situada nos reinos de taifas e prolongada até ao período almorávida. Esta asserção baseia-se essencialmente na integração contextual e estratigráfica de um grupo de cordas secas parciais de fabrico local recolhidas no NARC em associação com um conjunto alargado de cerâmicas comuns, pintadas a branco e uma quantidade significativa de cerâmicas pintadas a vermelho e decoradas a verde e manganés.

O contexto em causa - *Contexto I* (Bugalhão, Gomes e Sousa, 2007: 326-327) - é uma estrutura de despejo (fossa estruturada e parcialmente “escavada” nas estruturas industriais romanas) que não se encontra associada a qualquer edifício conservado. A estrutura detritica correspondia apenas a uma camada, que a preenchia por completo. No que respeita ao espólio cerâmico, foram identificados um número mínimo de 32 recipientes, com predominância para a loiça de mesa e para produções consideradas de consumo restrito, características que sugerem um nível sócio-económico elevado dos utilizadores desta estrutura. O conjunto integra cinco tigelas decoradas a verde e manganés, provavelmente produzidas em Sevilha, com cronologia do século XI (Bugalhão e Gómez Martínez, 2005; figs. 3 a 12), e uma jarriinha com paralelos nas olarias de Dénia (*Ibidem*, figs. 14 e 15). Nas cerâmicas pintadas a vermelho, assinalam-se várias tigelas de pasta clara, por vezes brunida no interior e com traços grossos de pintura (*Ibidem*, figs. 46 a 53). São peças de fabrico local comprovado arqueometricamente (Dias *et alii*, 2008), atribuíveis ao século XI.



Fig.4 Distribuição da cerâmica em corda seca parcial produzida em Lisboa na fase taifa/almorávida.

Finalmente, foram recolhidas neste contexto quatro peças em corda seca parcial produzidas localmente: duas bilhas, uma das quais com gargalo e duas asas, uma jarriinha e um fragmento de bojo de recipiente de tipo indeterminado (fig. 3.11.). Atendendo às características estratigráficas fechadas do contexto e ao número de peças que este forneceu, atribui-se-lhe uma cronologia do século XI - reinos de Taifas (Bugalhão e Gómez Martínez, 2005, p. 241 e ss.). Saliente-se ainda que este contexto não inclui qualquer fragmento de corda seca parcial importada, de época califal, nem forneceu qualquer fragmento de corda seca total de época posterior (almorávida ou almóada), embora estes materiais marquem presença no NARC noutros contextos.

Propõe-se, assim, situar o início da produção de corda seca parcial em Lisboa na primeira metade do século XI, realidade expressa no *Contexto I* do NARC. Esta produção terá prosseguido até à primeira metade do século XII, sob domínio almorávida, cronologia sugerida para exemplares de outros sítios arqueológicos de Lisboa (Teatro Romano, Castelo de São Jorge).

Os dados actualmente disponíveis sugerem que esta produção tenha tido uma difusão local/regional de configuração e horizontes ainda imprecisos. Para além dos inúmeros exemplares já recolhidos na cidade (NARC, Castelo de São Jorge, Teatro Romano, Praça da Figueira, etc.), foram documentadas cerâmicas semelhantes em Sintra, Frielas (Loures), Senhor da Boa Morte (Vila Franca de Xira), Palmela, Santarém e Coimbra.

2.3. A corda seca parcial no período almorávida

Durante o período de domínio almorávida, constatamos um aumento muito significativo das cerâmicas decoradas com este recurso técnico e uma enorme diversidade de formas e fabricos. Foram escavados ateliers oleiros desta época, em Almeria e Granada e existem indícios de produção em Málaga, Lisboa e Santarém. O número de sítios em que se documenta a corda seca parcial neste período é notoriamente superior aos períodos anteriores: Santarém, Sintra, Cascais, Lisboa, Palmela, Évora, Moura, Beja, Serpa, Cidade das Rosas (Serpa), Mértola, Alcaria Longa, Castelo Velho de Alcoutim, Castelo das Relíquias, Faro, Tejo do Praio, Cerro da Mesquita (?) e Silves. A produção de Lisboa de corda seca parcial, documentada no período taifa, teve continuidade até meados do século XII (cronologia sugerida para exemplares recolhidos no Teatro Romano - ver fig. 3.6. - e no Castelo de São Jorge Lisboa).

Assistimos também à presença, muito localizada em Mértola, das variantes bicromas (combinação de vidrado verde e melado: fig. 5.1. e 5.6.) e policromas (verde, melado e manganés: fig. 5.7.), bem como a algumas das técnicas mistas que surgem nesta época, nomeadamente a corda seca parcial combinada com o esgrafitado, que em alguns casos aparecem em contextos estratigráficos já da segunda metade do século XII, em época almóada (Palma e Gómez Martínez, 2010). A técnica da corda seca parcial bicolor surgiu ainda no século XI, nos reinos de Toledo e Zaragoza (Déléry, 2006: 857), mas não temos conhecimento destas produções no Gharb. Relativamente à série tricolor, apenas se constata a sua

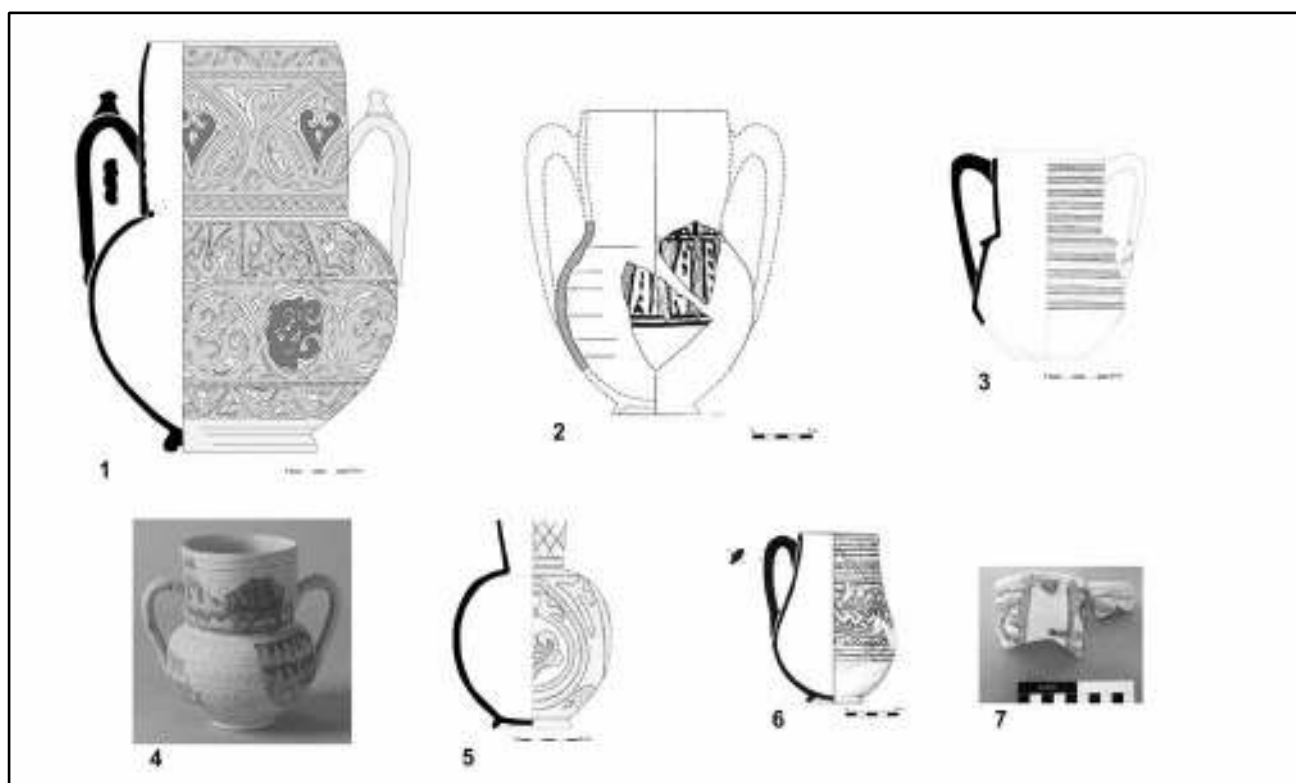


Fig. 5 Cerâmica de corda seca parcial de época almorávida. 1. Mértola; 2. Évora (adaptado de Teichner, 2006: 320 e abb. 4); 3, 4, 5 e 7 Mértola; 6. Alcácer do Sal (adaptado de Paixão, Faria e Carvalho, 2001).

presença em Málaga, Mértola, Almería e, com características estilísticas diferentes, em Maiorca. As características das pastas e dos vidrados desta série (manganês opacificado com estanho) indiciam uma produção nos *ateliers* da Andaluzia oriental, provavelmente Almería (*Ibidem*, 937).

Relativamente às cordas secas parciais desta fase, trata-se exclusivamente de formas fechadas. A forma mais frequente é a jarra/jarrinha de corpo globular, colo cilíndrico e base anelar que pode aparecer com diversas variantes e distintos motivos ornamentais: com filtro entre colo e bojo (fig. 5.1.; Gómez Martínez, 2006) ou sem ele (fig. 5.2.), com motivos epigráficos (fig. 5.1.), fitomórficos (fig. 5.1.), bandas ponteadas (fig. 5.2.; Teichner, 2006: 320 e abb. 4) e bandas dentadas (fig. 5.4.; *Ibidem*).

Uma outra forma de jarra/jarrinha surge com moldura no ombro e com bandas ponteadas horizontais (fig. 5.3.; Gómez Martínez, 2006), tendo paralelos em Almería, Lorca, Murcia e Salobreña. A bilha de colo cilíndrico estreito, corpo oval, base anelar e asa única (fig. 5.5.), encontrada em Mértola, é muito rara (*Ibidem*). Também é raro o copo/púcaro de corpo piriforme, base anelar e uma única asa de Alcácer do Sal (fig. 5.6; Paixão, Faria e Carvalho, 2001; Carvalho, Faria e Ferreira, 2008), com paralelos em Almería, Murcia e Dénia.

No que diz respeito à bicromia, encontrada exclusivamente em Mértola, surge em jarrinhas de colo cilíndrico e corpo globular (fig. 5.1.) e na bilha de corpo ovalado (fig. 5.5.), com temas essencialmente fitomórficos (flor de lótus). Nas séries policromas, a fragmentação dos objectos não permite determinar a forma das peças, mas podemos reconhecer os



Fig. 6 Dispersão de achados de cerâmica em corda seca na fase almorávida.

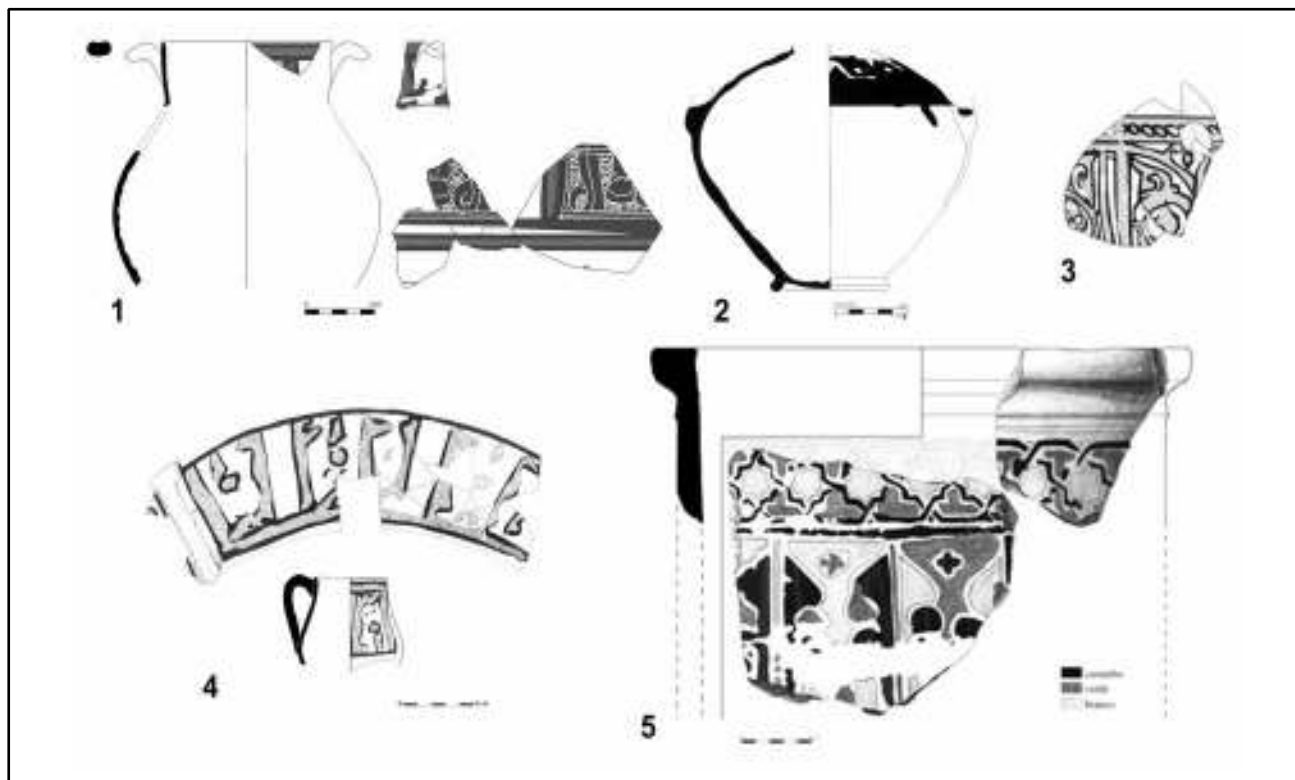


Fig. 7 Cerâmica de corda seca parcial de época almóada. 1 e 4. Mértola; 2. Cacela Velha (adaptado de Alvaro, 2011); 3. Tavira; 5. Paderne.

temas ornamentais, registando-se o “cordão da eternidade” (fig. 5.7.) e temas fitomórficos (flor de lótus em bolbo e em botão).

Se bem que ocorram peças formalmente semelhantes produzidas em Lisboa (fig. 3.9.), a maior parte corresponde a importações, provavelmente de Almeria. Entre as importações mais frequentes encontramos exemplares de jarra/jarrinha de colo cilíndrico e corpo globular, de tema fitomórfico ostentando palmetas, desenvolvido a partir de bandas ponteadas, que registámos em Lisboa (no Castelo de São Jorge: Gomes *et alii*, 2009), em Sintra, em Silves, no Castelo Velho de Alcoutim e em Mértola. Apresentam paralelos em Almeria, Alicante, Murcia, Alcoy, Ceuta e Caños de Meca, com formas e temas documentados nas oficinas de Almeria, sendo esta a sua provável proveniência. Esta mesma forma, com motivo de ondas em reserva, documenta-se em Mértola, Silves, Lisboa e no NARC (inérita). Apresenta paralelos em Caños de Meca, Ceuta, Málaga, Múrcia, Lorca e Alcoy, sendo a sua proveniência hipoteticamente do Sudeste do al-Andalus. A mesma origem deve atribuir-se à jarra/jarrinha de ombro moldurado e à bilha de corpo oval, dadas as características das pastas e dos vidrados, semelhantes às dos exemplares documentados nesse centro produtor, embora este último se trate de um exemplar sem paralelo conhecido.

Também serão importações os fragmentos de corda seca parcial de forma e tema indeterminados encontrados em Santarém, Lisboa, Palmela, Sintra, Tavira, Faro e Tejo do Praio.

Não temos dúvida do carácter exógeno das produções

bicolores e tricolores, apenas registadas, no que diz respeito ao Gharb, em Mértola. No caso da série bicolor, conhecem-se paralelos em Albarracín (Teruel), Alcohujate (Cuenca), Lorca, Granada, Madrid, Maiorca e Murcia. A série tricolor tem os paralelos mais aproximados em Málaga, mas apresenta características técnicas que apontam para produção almeriense.

2.4. A corda seca parcial no período almóada

Deste período conhecem-se olarias escavadas em Valencia, Murcia, Dénia, Priego de Córdoba, Córdoba, bem como indícios de produção em Jerez de la Frontera e Calatrava. No Gharb, não se conhecem centros de produção. Como foi referido, pensamos que algumas produções de corda seca parcial de época almorávida poderão ter tido continuidade no início do período almóada. Assim, são razões de ordem estratigráfica que nos levam a datar da segunda metade do século XII os exemplares ornamentados com a técnica mista de corda seca parcial e esgrafitado, que aparecem essencialmente em Mértola e que surgem em contextos próximos da conquista cristã, nas escavações da Biblioteca Municipal. Trata-se de jarra/jarrinhas de colo cilíndrico e corpo globular (fig. 7.1.), no geral muito fragmentadas, com motivos ornamentais bastante incompletos, epigráficos ou geométricos.

No período tardo-almóada, a quantidade deste tipo de cerâmica é notoriamente inferior à registada no século XII. As formas são herdeiras da cerâmica almorávida e dos primeiros anos do domínio almóada. Encontramos a jarra de colo estreito, corpo globular e base anelar (fig. 7.2.) de



Fig.8 Dispersão da cerâmica em corda seca na fase almóada.

tema indefinido, que se regista nos níveis de abandono do bairro almóada de Cacela Velha (Álvaro, 2011). Poderá ter esta mesma forma um fragmento de jarra com tema fitomórfico muito bem elaborado, proveniente de Tavira (fig. 7.3., Cavaco e Covaneiro, 2012), também encontrado em contextos estratigráficos tardo-almóadas. Igualmente herdeiro de formas almorávidas é o copo de corpo piriforme (fig. 7.4.) e tema epigráfico, muito tosco, encontrado em Mértola. Por último, regista-se a pia de abluções com tema

epigráfico, como no exemplar de Paderne da figura 7.5. (Catarino e Inácio, 2006: 292).

Só em relação às cerâmicas de técnica mista (esgrafitado e corda seca parcial) é que podemos assegurar uma origem no sudeste peninsular, como aliás para todas as cerâmicas esgrafitadas. Não é possível identificar a proveniência das restantes peças, já que a multiplicação dos centros produtores constatados dificulta a tarefa.

3. A corda seca total do Gharb al-Andalus

No período taifa surgem os primeiros exemplares de corda seca total no al-Andalus que aparecerão de forma dispersa e pouco frequente no Gharb. Tudo indica que, num primeiro momento, corresponderão apenas a importações, mas no final das taifas ou no início do domínio almorávida encontramos já produções locais em Lisboa e Santarém. De notar que em Palmela se registam exemplares cuja contextualização estratigráfica aponta para um enquadramento ainda dentro do califado (Fernandes, 2004).

3.1. A corda seca total no período dos reinos de taifa

Nos inícios do período dos reinos de taifa assistimos, portanto, ao aparecimento da corda seca total, não só importada como também produzida localmente (tal como a corda seca parcial). Relativamente a outros *ateliers* de produção deste tipo de cerâmica, podemos dar como certa a

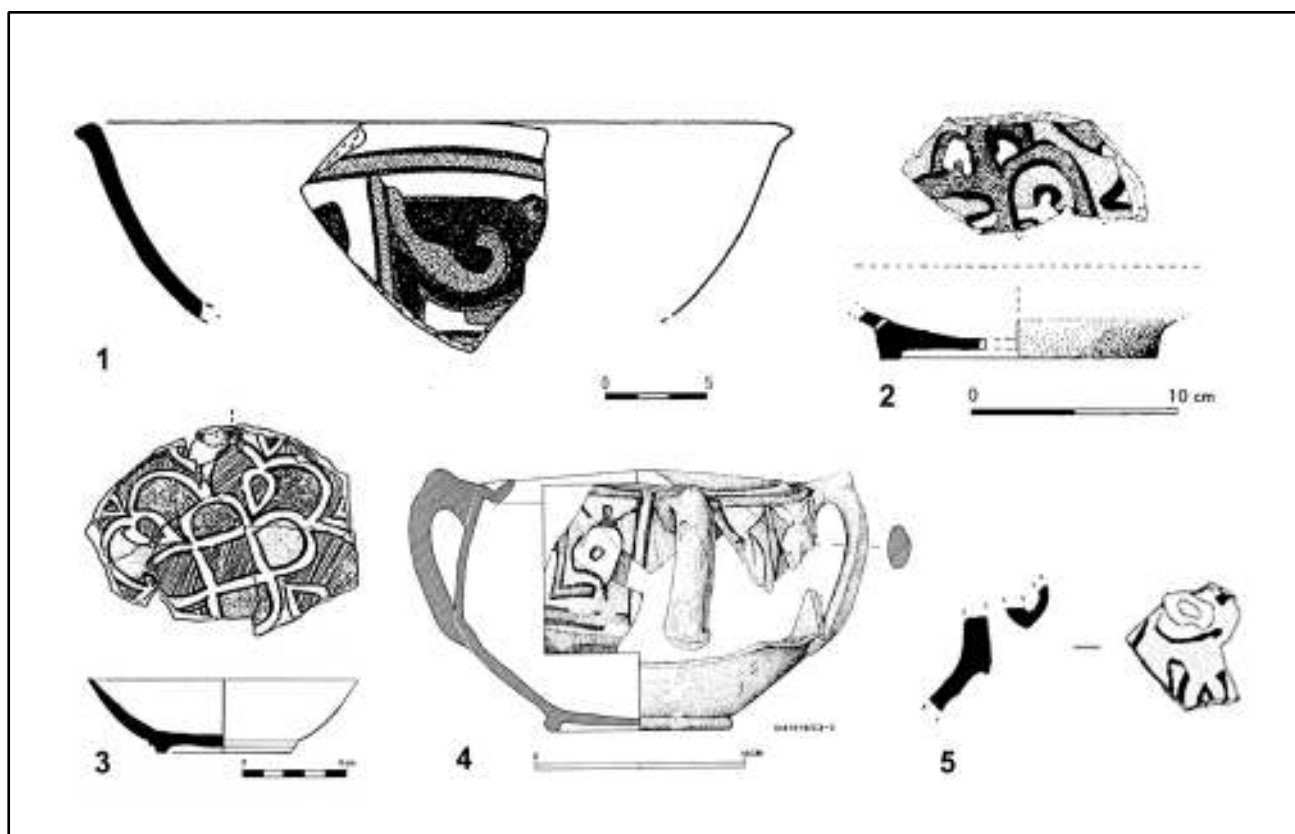


Fig.9 Cerâmica de corda seca total de época taifa. 1 e 3. Lisboa (adaptado de Amaro, 2001:191); 2. Palmela; 4. Silves (adaptado de Gomes, 1998: fig.4); 5. Sintra.

produção de corda seca total e parcial em Toledo, Badajoz, Saragoça, Múrcia e, provavelmente, noutras localidades (Déléry, 2006: cap. 2).

A forma mais representada é a tigela de corpo semiesférico e lábio triangular (fig. 9.1.), com base anelar pouco desenvolvida (fig. 9.2.), ocasionalmente com moldura junto do anel (fig. 9.3.), que encontramos em Évora (Teichner, 2006: 368, 371 e fig. 25 e Filipe, 2012), Palmela (Fernandes, 2004; Déléry, 2006), Lisboa (na Sé, Amaro, 2001; no Castelo de São Jorge, Gomes *et alii*, 2009; e na Rua dos Correiros/Hotel de Santa Justa, Filipe *et alii*, neste mesmo volume) e Coimbra (Catarino, Filipe e Santos, 2009: 353, fig. 18), geralmente ostentando temas fitomórficos, mais raramente a partir de composições geométricas, que também podem formar o “cordão da eternidade”. Característica técnica relevante de um conjunto significativo de peças, por exemplo de Coimbra, Lisboa e Évora (eventualmente correspondentes a produções regionais), é a combinação cromática em que dominam o negro de manganés e o melado, sendo que este serve frequentemente como fundo da composição ornamental. Esta característica também se encontra nas produções de Toledo e Badajoz.

Uma outra forma decorada com a técnica da corda seca total é a terrina de bordo introvertido, corpo cilíndrico, base anelar e duas ou quatro asas (fig. 9.4.) que aparece com tema epigráfico em Silves (Gomes, 1998: fig. 4) e fitomórfico em Évora (Teichner, 2006: 335 e fig. 9). A forma, com origem no verde e manganés califal de *Madīnat al-Zahrā*, é semelhante a peças de corda seca parcial de Toledo. Neste caso, as combinações cromáticas são menos escuras, denotando a origem da sua produção em *ateliers* diferentes dos anteriores, eventualmente, no levante ou no sul peninsular.

A cronologia do jarro com bico tubular (fig. 9.5.) encontrado em Sintra é duvidosa, mas poderá ser desta época a julgar pelos paralelos de Lérida (Déléry, 2006, T. VI).

Fragmentos com forma e tema ornamental indefinidos foram encontrados em Palmela, Mértola, Moura, Silves, Lisboa (Sé) e Coimbra. Os paralelos mais aproximados a estes dois últimos são provenientes de Badajoz e Toledo, sendo possível que a origem esteja nos *ateliers* destas cidades (ver fig. 2).

3.2. A corda seca total no período almorávida

A presença de corda seca total neste período é exponencial em relação ao período precedente, substituindo em importância as cerâmicas policromas de verde e manganés dessa época. Também para esta técnica se constata, em Santarém e Lisboa, a coexistência de produções locais e importações. No restante território, as importações do sudeste peninsular serão a nota dominante.

A diversidade de formas e de temas ornamentais é muito marcada, sendo de destacar também a presença da variante técnica mista, que combina a corda seca total com o estampilhado sob o revestimento vidrado.

A grande diversidade morfológica e ornamental dificulta a procura de centros produtores para a maior parte das cerâmicas, embora a grande semelhança de muitos dos exemplares com peças produzidas em Almeria sugira este centro como o local de origem da maioria das importações.

O número de sítios em que se registam peças em corda seca total no Gharb é muito grande: Penamacor, Santarém, Sintra, Lisboa, Palmela, Évora, Juromenha, Moura, Noudar, Beja, Serpa, Cidade das Rosas, Mértola, Castro da Cola, Cerro da Mesquita, Faro, Tejo do Praio e Silves. Também é grande a variedade formal: tigelas, taças, terrinas, tampas, bilhas, jarras, vasos e uma forma cilíndrica de difícil determinação funcional.

A série mais difundida por todo o Gharb al-Andalus é a tigela em forma de calote esférica, especialmente a que ostenta um motivo ornamental de roseta originada por uma composição geométrica (fig. 10.1.) que encontramos nas suas três variantes: com festão ondulado no bordo em Silves, Évora, Lisboa, Mértola e Palmela; com perfil carenado em Mértola, em Lisboa (no NARC, Bugalhão e Gómez Martínez, 2005; no Castelo de São Jorge, Gomes *et alii*, 2009) e em Mértola também dividido em quatro quartéis por traços pretos. No Arrabalde Ribeirinho desta localidade apareceu um subtipo da última variante, sem paralelos conhecidos, com um tema fitomórfico alternando num dos quartéis (fig. 10.2.; Lopes, Gómez e Rafael, 2011: 85). Exemplos de florão geométrico, nos quais não é possível determinar a variante, surgem também em Faro, Silves, Cidade das Rosas, Moura, Lisboa e Mértola. Uma outra variante, com tema semelhante, é a tigela de corpo semi-esférico com lábio extrovertido, que se documenta como uma produção local de Santarém, sobre a qual insistiremos mais tarde (fig. 10.3.).

Esta mesma forma é identificada com uma composição radial de quatro lótus lanceolados e tema secundário geométrico e, noutro caso, com tema secundário epigráfico, de peça recolhida em Mértola (Gómez Martínez, 2006). Com bordo arredondado, aparece com motivos fitomórficos em Beja e Mértola. A variante de tigela de corpo em calote esférica com lábio triangular aparece com a técnica do estampilhado sob o revestimento vítreo em Mértola (fig. 10.4.), na alcçova de Santarém (Arruda, Almeida e Viegas, 2002) e em Lisboa, na Rua das Pedras Negras (Museu da Cidade, [2008]c).

Também é muito frequente a forma de calote oval que pode evidenciar decoração no exterior, o que permite avançar com uma dupla funcionalidade destas peças, ou como tigela, ou como tampa (fig. 10.5.). Podemos encontrá-la com tema fitomórfico em Mértola e Santarém e com tema epigráfico em Mértola. São muito raros os exemplos desta forma com decoração em corda seca total, tanto no anverso como no reverso da peça, que apenas documentamos em Mértola nas escavações da Biblioteca Municipal (fig. 10.6., inédito).

A forma de perfil quebrado com carena baixa (de paredes rectas ou curvas) aparece frequentemente com tema zoomórfico de antílope (fig. 10.7.) ou de ave, ou com

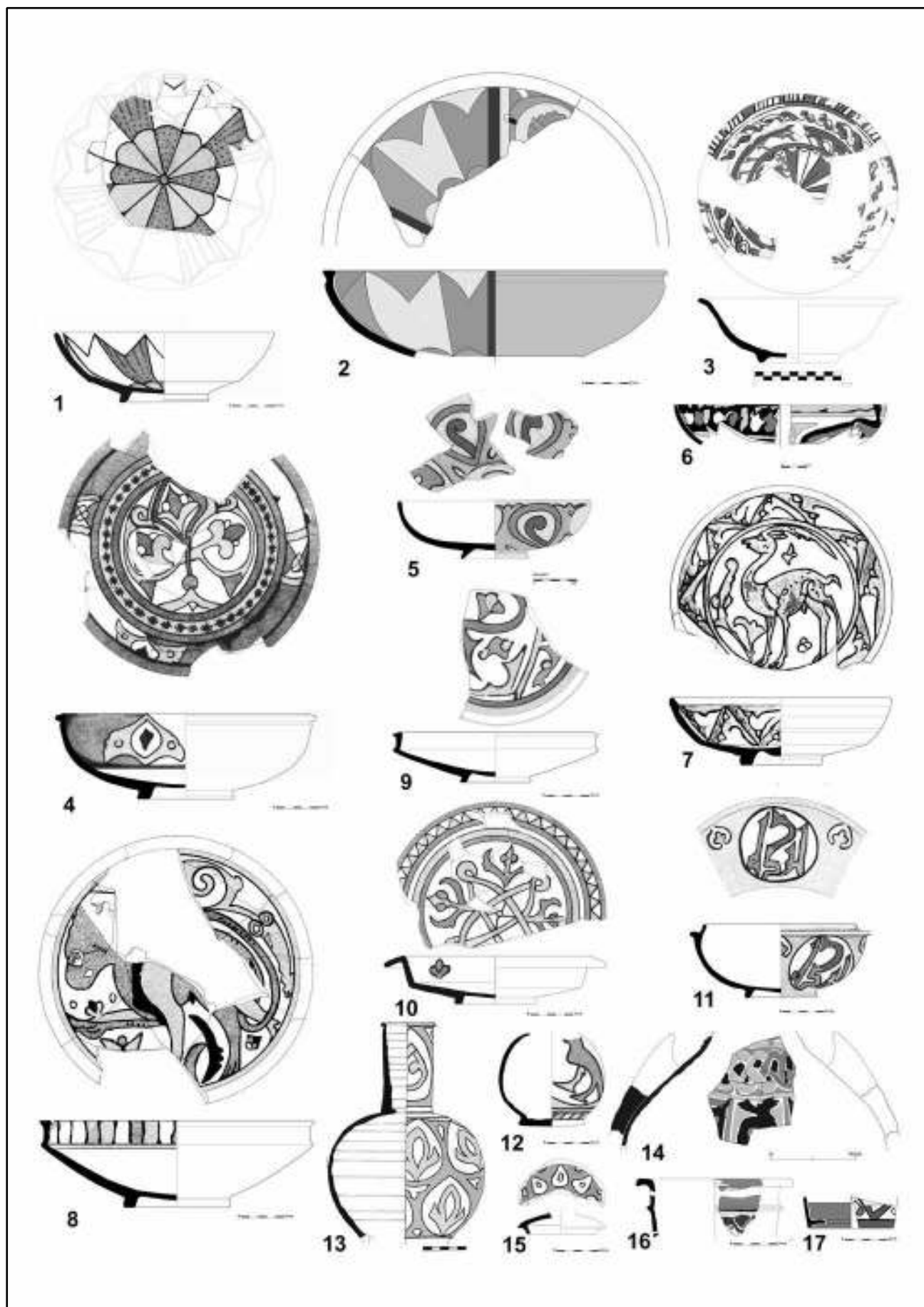


Fig.10 Cerâmica de corda seca total de época almorávida. 1, 2, 4 a 12, 15 e 17 Mértola; 3. Santarém (produção local); 13. Beja; 14 e 16. Évora (desenhos cedidos por Gonçalo Lopes).

motivos epigráficos, sendo bastante habitual em Mértola.

As peças fortemente carenadas costumam assentar sobre bases anelares de pequeno diâmetro e corpo bitroncocónico com carena alta (fig. 10.8.), representando temas zoomórficos (antílope, pássaro, leão) e/ou fitomórficos (flor de lótus), ou com carena baixa (fig. 10.9.) e tema epigráfico, podendo fazer-se acompanhar de um lábio largo em forma de aba (fig. 10.10.), que encontra paralelo em Alcácer Ceguer. A forma de corpo alto documenta-se em Santarém, Mértola, Faro e Silves; porém, as variantes de carena baixa apenas se encontram em Mértola. Estas formas carenadas, com outras técnicas ornamentais, tiveram continuidade e uma presença muito vinculada na estratigrafia de época almóada, levando-nos a pensar que os exemplares decorados em corda seca total terão perdurado nas primeiras décadas do século XIII.

Uma forma muito característica das produções de Almeria é a terrina de base anelar, corpo em calote esférica e bordo com moldura destinada a levar uma tampa (fig. 10.11.), que aparece com tema epigráfico em Mértola ou fitomórfico em Mértola e Silves.

Um outro tipo de objectos documentados nas olarias de Almeria, que encontramos representado no Gharb, corresponde a bilhas de colo estreito e alto, corpo globular e uma única asa, que aparece com base em bolacha e tema de ave em Mértola (fig. 10.12.), ou com base anelar com uma quebra marcando o fundo, que encontramos em Mértola, Beja, Évora e Lisboa (fig. 10.13.).

Alguns fragmentos registados em Évora (achados inéditos da Praça do Giraldo; informação cedida por Gonçalo Lopes, a quem agradecemos) correspondem a jarras de corpo piriforme (fig. 10.14.) semelhantes a peças encontradas em *Madinat al-Zahrā*. Poderão estar associadas às formas fechadas, as tampas de pequenas dimensões, de corpo troncocónico e pega anelar (fig. 10.15), que encontramos em Mértola. Também em Évora surge um fragmento de vaso cilíndrico com bordo extrovertido em aba e orifícios no corpo (fig. 10.16.), um *unicum*, do qual não conhecemos paralelo. Outro tipo raro é uma forma cilíndrica com grande orifício na base (fig. 10.17.), cuja funcionalidade desconhecemos, encontrado em Mértola.

Exceptuando as produções de Lisboa e Santarém, podemos considerar que a maior parte das cerâmicas de corda seca total encontradas no Gharb são importações. Uma boa parte delas encontra paralelos entre as produções registadas nos fornos cerâmicos de Almeria, especialmente a série com motivo de florão geométrico dividido em quatro quartéis e a terrina com lábio moldurado preparado para receber uma tampa. Também terão esta mesma origem as bilhas de corpo globular e base anelar com forte quebra no fundo que registamos em Mértola e Beja, enquanto as formas com carena baixa são documentadas entre as peças de corda seca total da oficina da Casa de los Tiros de Granada (Déléry, 2006: 273-278).

As características técnicas das cerâmicas que podemos observar macroscopicamente nestes dois *ateliers* são muito

parecidas pelo que será difícil determinar, a olho nu, a proveniência de um ou outro. Em todo o caso, nota-se uma certa homogeneidade técnica na maior parte das cerâmicas importadas de corda seca total, o que permite atribuir, de forma mais ou menos precisa, a origem destas cerâmicas à Andaluzia Oriental. Porém, a dispersão de paralelos é de tal ordem que evidencia um tráfego mercantil muito intenso deste tipo de produtos e alargado no âmbito geográfico.

O fenómeno constatado em época taifa, em Lisboa, de convívio de produções locais de corda seca parcial com objectos importados, vê-se agora alargado à corda seca total e à cidade de Santarém. No entanto, a distribuição destas produções é muito reduzida, apenas no âmbito local das próprias cidades e dos principais núcleos urbanos da sua área geográfica imediata. Pelo contrário, as importações do Sudoeste assumem um protagonismo invulgar, tanto pela quantidade como pela capacidade de penetração em diversas redes comerciais, embora a sua maior frequência se situe em localidades acessíveis por via marítima-fluvial (Mértola, Faro, Silves, Santarém, Lisboa). Estes pontos terão actuado como centros redistribuidores para os respectivos territórios de influência. A presença da corda seca parece cingir-se aos núcleos urbanos e aos povoados fortificados de primeira magnitude. As localidades rurais menores, salvo raras excepções, não parecem ter tido acesso ou capacidade aquisitiva para este tipo de produtos, ao contrário do que se constata para o verde e manganés, dominante no período taifa.

O caso de Mértola, pela quantidade, qualidade e variedade de exemplares deste tipo de cerâmica, apresenta contornos raros sobre os quais vale a pena reflectir. A desproporção em relação a outros locais sugere que a cidade do Guadiana funcionou como entreposto estratégico para a redistribuição destes produtos no interior do Alentejo; mas, possivelmente, também para os grandes centros consumidores da região de Lisboa e Vale do Tejo, aproveitando a via terrestre que, até épocas recentes, funcionou como alternativa à via marítima no período de Inverno, quando os ventos do Norte dificultam a navegação atlântica.

3.2.1. As produções locais/regionais de Lisboa e Santarém

Está confirmada a existência de uma produção de corda seca total em Lisboa, iniciada em data indefinida, entre os séculos XI e XII. Esta identificação partiu do estudo de algumas colecções, nomeadamente no Castelo de São Jorge (Gomes *et alii*, 2009), e permitiu a identificação de exemplares não correlacionáveis com as produções já conhecidas. Posteriormente, no projecto de caracterização arqueométrica atrás descrito para a corda seca parcial de época taifa, foi possível confirmar a origem local das pastas destes exemplares. Consequentemente, têm vindo a ser reconhecidos paralelos (técnicos, estilísticos e formais) em numerosos locais de Lisboa e também fora desta cidade, num território de delimitação ainda difusa.

Provavelmente, esta produção inscreve-se numa linha de continuidade tecnológica com as produções locais de

cerâmica vidrada e de corda seca parcial iniciadas na fase taifa. A sua caracterização pormenorizada ainda está longe de se concretizar; contudo, pode desde já adiantar-se que apresenta pasta de cor vermelha, mal depurada, exibindo elementos não plásticos de dimensão assinalável. Os vidrados utilizados (verde, castanho, melado), bem como a corda propriamente dita, apresentam-se numa tonalidade muito escura, sendo que o fundo e o reverso são geralmente em melado escuro. O domínio da técnica da corda seca não é absoluto, pelo que, com frequência, o vidrado extravasa o motivo delimitado pela corda, conferindo às peças, por vezes, um aspecto “esborratado” (fig. 12). A diversidade formal conhecida para já é diminuta, estando documentadas apenas tigelas. Em Lisboa registam-se exemplares desta produção na Casa dos Bicos (Museu da Cidade, [2008]a), Castelo de São Jorge (Gomes *et alii*, 2009), Rua dos Correeiros/Hotel de Santa Justa (Filipe *et alii*, neste mesmo volume), Rua do Ouro (inédito, informação oral de Lúcia Fernandes e António Marques, a quem agradecemos). A distribuição aparenta ser eminentemente urbana, encontrando-se exemplares em Palmela (inéditos) e em Santarém (numa peça que apresenta o típico “esborratamento” do vidrado, recolhida num contexto já do pós conquista cristã da cidade (Liberato, 2011: anexo 5).



Fig.11 Dispersão da cerâmica em corda seca total de produção local regional em fase taifa/almorávida.

Existem também, nas escavações da Rua João Afonso, em Santarém, indícios claros da produção de corda seca total, embora não comprovada arqueometricamente. Recolheram-se peças – tigela (10.3.) e jarrinha – inacabadas ou rejeitadas, juntamente com utensilagem de olaria (barras e trempes), num contexto interpretado como provável fossa de despejo. As peças em causa apresentam fortes semelhanças com formas e temas ornamentais constatados como produções de Almeria da primeira metade do século XII, não sendo, por isso, de descurar que importações chegadas do Sudeste tenham sido a fonte de emulação das produções escalabitanas. Não é possível avançar com uma descrição das suas características técnicas, uma vez que, por terem sido expostas a temperaturas excessivas, nem as cores utilizadas são discerníveis.

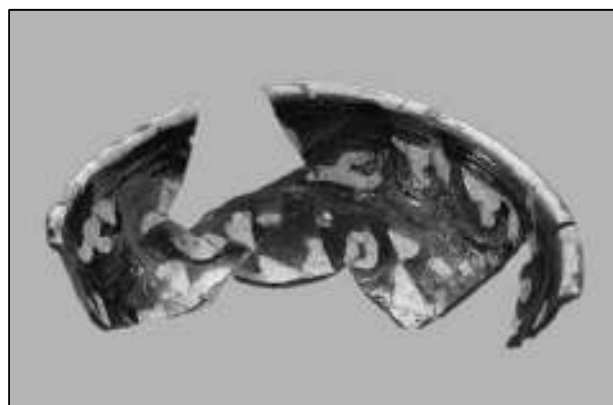


Fig.12 Tigela em corda seca total, produção local/regional de Lisboa (Museu da Cidade, [2008]A).

Deve acrescentar-se, relativamente a estas produções presentes em Lisboa, Palmela e Santarém, que não é para já possível estabelecer a sua adequada caracterização e diferenciação por locais de fabrico. Afigura-se evidente a existência de produção em Lisboa e Santarém, mas tal não excluiu a possibilidade da existência de outras olarias com fabricos idênticos, nem é para já inequívoca a classificação de todos os exemplares conhecidos, relativamente ao local de origem.

3.3. A corda seca total no período almóada

Muitas das cerâmicas decoradas tanto em corda seca total como parcial de época almorávida tiveram continuidade no início do período almóada. Encontra-se um exemplo desta continuidade no Arrabalde Ribeirinho de Mértola, constatado documentalmente aquando da revolta de *Ibn Qasī* em 1144, que forneceu cerâmica de corda seca total e parcial com as características atribuídas ao período almorávida, tanto nos contextos de construção das habitações e, portanto, anteriores a essa data, como nos níveis de ocupação e abandono do bairro, que terá ocorrido aproximadamente em 1170.

Não podemos, portanto, excluir que algumas das cerâmicas encontradas a sul do Tejo, registadas no período almorávida, continuassem a circular em época almóada. Embora o centro produtor de Almeria tenha sofrido um duro golpe com a ocupação cristã, entre 1147 e 1157, outros centros

produtores datados de época almóada, como Maiorca, Dénia, Valência, Múrcia, Priego de Córdoba, Córdoba, Málaga, Sevilha e, eventualmente, Jerez de la Frontera e Calatrava la Vieja, mantiveram a sua actividade. Não é esse o caso das produções de Lisboa e Santarém, que se viram bruscamente interrompidas, sem que se tenha observado qualquer tipo de transferência tecnológica para outros centros produtores localizados mais a Sul.

Na época tardo-almóada, a forma em corda seca total que se regista abundantemente no Gharb al-Andalus é o grande vaso de base plana, corpo aproximadamente cilíndrico e lábio de perfil quadrangular (fig. 13.1.), que foi tradicionalmente interpretado como bacio, mas cujas características técnicas muito cuidadas e temas iconográficos (frequentemente de carácter religioso/profiláctico), bem como as grandes dimensões, nos levam a classificar como pia de abluções.

No Gharb, encontramos estas formas com tema epigráfico em Tavira (fig. 13.2.), sendo que o mesmo tema ocorre em corda seca parcial no Castelo de Paderne (fig. 7.5.; Catarino e Inácio, 2006: 292, fig. 4.7. e 8.). São também comuns os “cordões da eternidade”, em Mértola e Tavira, e os temas fitomórficos e geométricos, em Mértola e Tavira (fig. 13.3). Em Mértola, documenta-se uma outra forma, com enorme diâmetro, que nos leva a excluí-la do grupo das restantes pias de abluções (fig. 13.4.), podendo ser uma tina de maior tamanho, já que a presença de fundo não nos permite integrá-la no grupo dos bocais de poço.

Também para este conjunto de peças encontramos dificuldades em atribuir-lhes uma proveniência, como sucedeu com a corda seca parcial. Desconhecemos se os objectos de corda seca total encontrados no Gharb correspondem a produções locais ou se se trata de

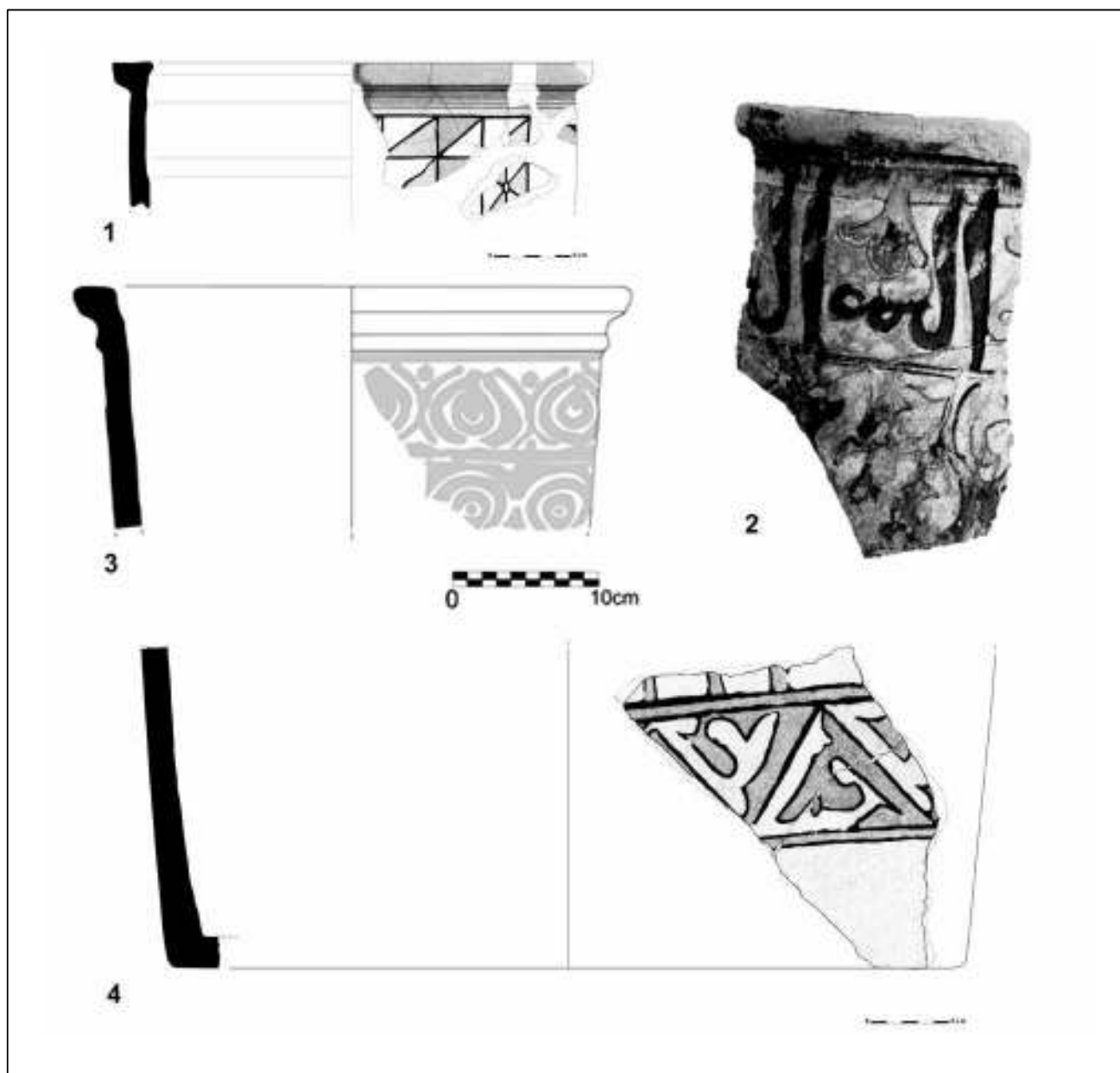


Fig.13 Cerâmica em corda seca total de época almóada. 1 e 4. Mértola; 2 e 3 Tavira.

importações. Não foi documentado este tipo de produção na única estrutura de fabrico conhecida na região para esta época, localizada em Mértola. A sua cronologia almóada parece bem confirmada pelo âmbito de dispersão desta forma, constatada em sítios em que a conquista cristã se produziu durante a primeira metade do século XIII.

4. CONCLUSÃO

Em síntese, podemos constatar que na época califal não há produção de corda seca no Gharb. As cerâmicas encontradas são de corda seca parcial e seriam importações do Sudeste (Pechina, Almeria e Múrcia). A dispersão é reduzida, limitada a cidades e a alguns castelos rurais. As rotas marítimas e fluviais são dominantes, especialmente a do Guadiana, que parece ser uma das principais vias de penetração deste tipo de cerâmica para o interior do Gharb. Nos finais do califado registou-se uma precoce importação de corda seca total, identificada apenas em Palmela.

Durante o período das taifas, a difusão da corda seca parece ser mais fraca no Gharb “português” do que em outros territórios do al-Andalus. É igualmente difícil definir quais os centros produtores de origem, embora uma parte importante deva corresponder a olarias dos reinos taifa de Sevilha, Córdoba e Badajoz, mormente os candis e alguns jarros de corda seca parcial. Continuam as importações de corda seca parcial do Sudeste do al-Andalus, que convivem com produções locais de Lisboa – imitações com influência das regiões de Pechina/Almeria – e que têm uma razoável distribuição no território rural e nas cidades próximas.

A compartimentação política que decorreu da formação dos reinos de taifa não levou a uma ruptura completa das redes de intercâmbio desenhadas no período califal, mas surgiram novos elementos a ter em consideração, nomeadamente o desenvolvimento do comércio da corda seca total e o aparecimento de novos centros produtores no interior do al-Andalus (taifas de Toledo e Badajoz). Vemos, portanto, que as rotas comerciais marítimas que marcaram a rede de intercâmbios de época califal são agora completadas com itinerários terrestres que vão permitir, por um lado, a importação de objectos dos centros de produção das Marcas Média e Superior para as principais cidades da Marca Inferior e, por outro lado, a distribuição destes produtos pelas cidades de segunda magnitude e pelos sítios fortificados dependentes das urbes principais. Assistimos ainda às primeiras produções de corda seca total do Gharb, acompanhando o grande desenvolvimento urbanístico de cidades como Lisboa ou Santarém, e a sua “requalificação” como centros produtores e distribuidores, tanto quanto sabemos por enquanto, apenas para o seu território envolvente.

Em época almorávida aumenta exponencialmente a quantidade de cerâmica de corda seca. Alarga-se a produção destes objectos no vale do Tejo, onde, para além da continuidade da produção de corda seca parcial em Lisboa, constatamos o fabrico de corda seca total nessa cidade e fortes indícios para a de Santarém. Esta produção convive com importações coetâneas do Sudeste, sendo a distribuição das importações por via portuária, na sua maior parte, e

assumindo-se Mértola como um entreposto estratégico de redistribuição para o interior do Alentejo e, eventualmente, atingindo a região do Sado e do Tejo.

Os finais do século XI e, sobretudo, a primeira metade do século XII, constituem os períodos de maior esplendor da técnica da corda seca, tanto parcial como total, quer no al-Andalus em geral, quer no Gharb em particular. Nesta época assistimos, para ambas as variantes, à convivência de fenómenos de importação e de produção local, neste caso em Lisboa e Santarém. Na maior parte do Gharb e especialmente no Sul podemos constatar a importação destes produtos a partir dos grandes centros oleiros de Almeria e Granada, bem como de outras proveniências, provavelmente Sevilha (Bridgman, 2007:162-163).

Em resultado da conquista cristã de Santarém e Lisboa, em 1147, as produções destas cidades e as importações foram interrompidas nos territórios a Norte do Tejo, facto que pode levar-nos a confinar a esta data alguns materiais importados que, em alguns territórios meridionais, continuaram a circular nas primeiras décadas da segunda metade do século XII, já sob o domínio almóada. Deste modo, no Sul do Gharb, nos territórios onde o domínio muçulmano permanece de forma mais estável, as características que enunciámos para os fabricos de época taifa aplicam-se também às primeiras décadas da segunda metade do século XII.

Em época Almóada desconhecemos a existência de produções locais no Gharb. No período tardo-almóada, bem documentado arqueologicamente no Alentejo e no Algarve, reconhecemos características formais, técnicas e iconográficas que espelham uma menor qualidade técnica. Por um lado, os vidrados, especialmente na corda seca parcial, têm um aspecto rudimentar, degradam-se com facilidade e, muito raramente, aparecem vidrados opacificados. No que diz respeito às formas, na corda seca parcial parece verificar-se uma maior continuidade formal, sendo muitos dos objectos uma evolução das formas almóavidas. Pelo contrário, o repertório formal ao qual é aplicada corda seca total muda radicalmente, sendo a pia de abluções/bacio a única forma que se apresenta ornamentada com esta técnica.

Semelhantes argumentos podem ser esgrimidos sobre a continuidade da cerâmica de corda seca total do período almorávida nas primeiras décadas da segunda metade do século XII, especialmente as tigelas de perfil fortemente carenado, que terão um grande sucesso neste período.

Assim, entre o final das taifas e o século XII, pela primeira vez, podemos distinguir dois tipos de organização na distribuição da cerâmica no nosso território. Por um lado, encontramos uma distribuição a larga distância, sobretudo a partir das cidades do Sudeste (como Almeria) para centros portuários onde se incluem os do Gharb, que eram núcleos urbanos redistribuidores. Por outro lado, verificamos uma distribuição a nível local e regional, como acontece com as produções de Lisboa. Há que sublinhar que estas deduções sobre a organização económica e dinâmica comercial representam um dado histórico inédito: nas fontes escritas só

temos registos pontuais sobre os intercâmbios comerciais e não se pode determinar o peso efectivo dessa informação na economia, nem inferir tendências na evolução económica, pela sua raridade. Portanto, neste caso concreto, a cerâmica torna-se uma das poucas fontes eficientes para a viabilização do conhecimento das relações económicas das diferentes regiões do Gharb al-Andalus, entre os períodos omíada e almóada.

5. BIBLIOGRAFIA

- ÁLVARO SÁNCHEZ, Rocío (2011) – *Cacela (Algarbe-Portugal) en el siglo XIII: Sociedad y Cultura Material*. BAR International Series 2290. Oxford: Archaeopress.
- AMARO, Clementino (2001) – Presença Muçulmana no Claustro da Sé de Lisboa – três contextos com cerâmica islâmica. In LACERDA, Manuel *et alii* (coords.) *Garb, Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico/Junta de Extremadura. p. 165-197.
- ARRUDA, Ana Margarida; ALMEIDA, Maria José e VIEGAS, Catarina (coord.) (2002) – *De Scalabis a Santarém*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- BANHA, Carlos Manuel dos Santos (1998) – As cerâmicas do Alto Senhor da Boa Morte (Povos): estudo preliminar. *Cira. Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. n.º 7, p. 75-109.
- BRIDGMAN, Rebecca (2007) – Re-examining Almohad Economies in South-Western Al-Andalus through Petrological Analysis of Archaeological Ceramics. In ANDERSON, Glaire e ROSSER-OWEN, Mariam (ed.) *Revisiting Al-Andalus: Perspectives on the Material Culture of Islamic Iberia and Beyond. The Medieval and Modern Iberian World*. Leiden: Brill. p. 143-165.
- BUGALHÃO, Jacinta e FOLGADO, Deolinda (2001) – O arrabalde ocidental da Lisboa islâmica: urbanismo e produção oleira. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. n.º 7, p. 111-145.
- BUGALHÃO, Jacinta; GOMES, Ana Sofia e SOUSA, Maria João (2007) – Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental da Lisboa islâmica (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e Mandarin Chinês). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. n.º 10:1, p. 317-343.
- BUGALHÃO, Jacinta e GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2005) – Lisboa, uma cidade do Mediterrâneo islâmico. In BARROCA, Mário Jorge e FERNANDES, Isabel Cristina (coord.) *Actas dos Seminários Muçulmanos e cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII). Palmela e Porto 2003*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. p. 237-262.
- BUGALHÃO, Jacinta; SOUSA, Maria João e GOMES, Ana Sofia (2004) – Vestígios de produção oleira no Mandarin Chinês, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. n.º 7:1, p. 575-643.
- CARDOSO, Guilherme e RODRIGUES, Severino (1991) – Alguns tipos de cerâmica dos sécs. XI a XVI encontrados em Cascais. In SILVA, Luís Alves e MATEUS, Rui (ed.) *Actas do IV Congresso Internacional A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. p. 575-585.
- CARVALHO, A. Rafael, FARIA, João Carlos e FERREIRA, Marisol Aires (1998) – *Alcácer do Sal – Al- Qasr. Arqueologia e História de uma Medina do Garb al-Andalus, séc. VIII-XIII*. 2.ª ed. Alcácer do Sal: Câmara Municipal de Alcácer do Sal.
- CATARINO, Helena (1997/98) – *O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica: povoamento rural e recintos fortificados. al'ulyā*. Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé. N.º 6, 3 vols.
- CATARINO, Helena (1999) – Cerâmicas omíadas do Garb Al-Andalus: resultados arqueológicos no Castelo Velho de Alcoutim e no Castelo das Relíquias (Alcoutim). *Arqueologia y territorio medieval*. Jaén: Universidad de Jaén. Vol. 6, p. 113-132.
- CATARINO, Helena (2008) – Cerâmicas do Castelo Velho de Alcoutim recolhidas em contexto de cozinha. In DIOGO, João Manuel (ed.) *Actas das 4.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo. Tondela 2000*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 33-48.
- CATARINO, Helena; FILIPE, Sónia e SANTOS, Constança dos (2009) – Coimbra islâmica: uma aproximação aos materiais cerâmicos. In GONÇALVES, Maria José (dir.) *Actas do 6.º Encontro de Arqueologia do Algarve. O Gharb no al-Andalus: Síntese e Perspectivas de Estudo. Homenagem a José Luís de Matos. Silves 2008. Xelb*. Silves: Câmara Municipal de Silves. Museu Municipal de Arqueologia. N.º 9, p. 333-376.
- CATARINO, Helena e INÁCIO, Isabel (2006) – Vestígios do urbanismo islâmico no Castelo de Paderne: uma primeira abordagem. In GONÇALVES, Maria José (dir.) *Actas do 3.º Encontro de Arqueologia do Algarve. Silves 2005. Xelb*. Silves: Câmara Municipal de Silves. Museu Municipal de Arqueologia. n.º 6, vol. I, p. 281-298.
- CAVACO, Sandra e COVANEIRO, Jaqueline (2012) – 27. Fragmento de jarriinha em corda seca parcial. Ficha de entrada de peça. In MAIA, Maria e MAIA, Manuel (coord.) *Tavira Islâmica. Catálogo da exposição*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira.
- CHAPOULIE, C.; DÉLÉRY, Claire; DANIEL, F.; VENDRELL-SAZ, M. (2005) – “Cuerda seca” ceramics from al-Andalus, Islamic Spain and Portugal (10th-12th C. AD). Investigation with SEM-EDX and cathodoluminescence». *Archaeometry*, 47 (3). Oxford University, Research Laboratory for Archaeology and the History of Art, p. 519-534.
- DÉLÉRY, Claire (2006) – *Dynamiques économiques sociales et culturelles d'al-Andalus à partir d'une étude de la céramique de cuerda seca (seconde moitié du X^e siècle – première moitié du XIII^e siècle)*. Toulouse: [s.n.]. 7 vols. Tese de doutoramento apresentada à Université de Toulouse II.

- DÉLÉRY, Claire; CHAPOULIE, C.; DELAGE, D. (2009) - Contribution à l'étude de l'évolution technologique et du commerce des céramiques de cuerda seca en al-Andalus (Xe-XIIe siècle). In ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan et alii (eds.) *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo. Ciudad Real-Almagro 2006*. Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval. Tomo II, p. 571-598.
- DÉLÉRY, Claire e GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2006) - Algunas piezas orientales y el problema del origen de la técnica de cuerda seca. In GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (dir.) *Al-Ándalus espaço de mudança. Balanço de 25 anos de história e arqueologia medievais, Seminário de Homenagem a Juan Zozaya Stabel-Hansen. Mértola 2005*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. p. 148-160.
- DIAS, Maria Isabel; PRUDÊNCIO, Maria Isabel; BUGALHÃO, Jacinta; GOMES, Sofia; SOUSA, Maria João e FOLGADO, Deolinda (2008) - A produção de cerâmicas no arrabalde ocidental da Lisboa islâmica. Primeiros resultados arqueométricos. In BICHO, Nuno Ferreira (ed) *Actas do 4.º Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro 2004. vol. XI - A ocupação islâmica da Península Ibérica. Promontoria Monográfica*. Faro: Universidade do Algarve. n.º 11. p. 157-167.
- DIAS, Maria Isabel; PRUDÊNCIO, Maria Isabel e GOUVEIA, Maria Ângela (2001) - Arqueometria de cerâmicas islâmicas das regiões de Lisboa, Santarém e Alcácer do Sal (Portugal): caracterização química e mineralógica. In LACERDA, Manuel et alii (coords.) *Garb, Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico/Junta de Extremadura. p. 257-281.
- DIAS, Maria Isabel; PRUDÊNCIO, Maria Isabel; GOUVEIA, Maria Ângela; GOMES, Ana; GASPAS, Alexandra (2009a) - Evolução das tecnologias de produção cerâmica dos séculos XI a XVI na cidade de Lisboa. In ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan et alii (eds.) *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo. Ciudad Real-Almagro 2006*. Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval. Tomo II, p. 509-514.
- DIAS, Maria Isabel; PRUDÊNCIO, Maria Isabel; GOUVEIA, Maria Ângela; GOMES, Ana; GASPAS, Alexandra (2009b) - Tecnologias de produção de cerâmicas pintadas dos séculos XI a XII do Castelo de S. Jorge (Lisboa, Portugal). In ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan et alii (eds.) *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo. Ciudad Real-Almagro 2006*. Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval. Tomo II, p. 963-966.
- FABIÃO, Carlos e GUERRA, Amílcar (1993) - Uma fortificação Omíada em Mesas do Castelhinho (Almodôvar). *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. N.º 2, p. 85-102.
- FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (2004) - *O Castelo de Palmela, do islâmico ao cristão*. Lisboa: Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela.
- FERNANDES Lúcia; et alii (2015) - Ocupação medieval islâmica no Teatro Romano de Lisboa. O caso do aproveitamento do postcaenium no decurso do século XII. In *X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*.
- FILIPPE, Vanessa Galiza (2012) - *Contributo para o conhecimento da presença islâmica em Yâbura - estudo do espólio exumado nas intervenções arqueológicas do Museu Municipal de Évora*. Dissertação de mestrado em Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- FILIPPE, Victor; VALONGO, António; CALADO, Marco; RAMOS, Romão; GUERRA, Sandra (2015) - A importação de cerâmica no Arrabalde Ocidental de Luxbuna. Dados preliminares da intervenção realizada no Hotel de Santa Justa. In *X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*.
- GOMES, Ana; GASPAS, Alexandra; GUERRA, Sandra; VALONGO, António; PIMENTA, João; PINTO, Paula; MENDES, Henrique Calé; RIBEIRO, Susana (2009) - A cerâmica vidrada da Alcáçova do Castelo de S. Jorge. In ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan et alii (eds.) *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo. Ciudad Real-Almagro 2006*. Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval. Tomo I, p. 399-404.
- GOMES, Rosa Varela (1998) - Contributo para o estudo das cerâmicas com decoração a "verde e castanho" de Silves. In ABRAÇOS, Hélder e DIOGO, João Manuel (eds.) *Actas das 2.ª Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 43-55.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2003) - Producciones cerámicas en la Mértola islâmica. In CH BAKIRTZÉS (Ed.) *VIIe Congrès international sur la céramique médiévale en Méditerranée*. Thessaloniki, 11-16 Octobre 1999, Athènes: Caisse des Recherches Archéologiques, p. 653-658.
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2006) - *Cerâmica Islâmica de Mértola: Producción y comercio* [Em linha]. Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid, 2006. [Consult. 2-6-2014]. Disponible en: <<http://eprints.ucm.es/7087/>>. 4041 p.
- LIBERATO, Marco (2011) - *A cerâmica pintada a branco na Santarém Medieval. Uma abordagem diacrónica: séculos XI a XVI*. Dissertação de mestrado em Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- LOPES, Virgílio, GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana e RAFAEL, Lúcia (eds.) (2012) - *Museu de Mértola. Arrabalde Ribeirinho*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- MUSEU DA CIDADE [2008]A - Taça2. In *Coleções* [Em linha] Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. [Consult. 30 Dec. 20014]. Disponível em <<http://www.museudacidade.pt/Colecoes/Ceramica/Paginas/Taca2.aspx>>.
- MUSEU DA CIDADE [2008]B - Jarra. In *Coleções* [Em linha] Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. [Consult. 30 Dec. 20014]. Disponível em <<http://www.museudacidade.pt/Colecoes/Ceramica/Paginas/Jarra.aspx>>.

- MUSEU DA CIDADE [2008]C – Taça3. In *Coleções* [Em linha] Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. [Consult. 30 Dec. 20014]. Disponível em <www.museudacidade.pt/Colecoes/Ceramica/Paginas/Taca3.aspx>.
- MATOS, José Luís (1991) – Cerâmica muçulmana do Cerro da Vila. In SILVA, Luís Alves e MATEUS, Rui (ed.) *Actas do IV Congresso Internacional A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Mértola. Campo Arqueológico de Mértola. p. 429-472.
- PAIXÃO, António Cavaleiro; FARIA, João Carlos e CARVALHO, A. Rafael, 2001 – Contributo para o estudo da ocupação muçulmana no castelo de Alcácer do Sal: o Convento de Aracoeli. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. n.º 7, p. 197-215.
- PALMA, Maria de Fátima e GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2010) – Níveis Islâmicos da Biblioteca Municipal de Mértola. In PÉREZ MACÍAS, Juan Aurélio e ROMERO BOMBA, Eduardo (coord.) *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Aracena 2009*. Huelva: Universidad de Huelva. p. 1290-1315.
- REGO, Miguel (2003) – A ocupação islâmica de Noudar. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. N.º 8, p. 69-82.
- SOARES, António Monge e BRAGA, José Rodrigues (1986) – Balanço provisório da intervenção arqueológica já realizada no Castelo de Serpa. *Arquivo de Beja*. Beja. 2.ª série, vol. III, p. 167-198.
- TEICHNER, Felix (1998) – A ocupação do centro da cidade de Évora da época romana à contemporânea. Primeiros resultados da intervenção do Instituto Arqueológico Alemão”. In ABRAÇOS, Hélder e DIOGO, João Manuel (eds.) *Actas das 2.as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo. Tondela 1995*. Tondela. Câmara Municipal de Tondela. p. 17-31.
- TEICHNER, Felix (2006) – Die mittelalterliche und neuzeitliche Fundkeramik aus den Grabungen des Deutschen Archäologischen Institutes in Évora (Alentejo, Portugal). *Madridrer Mitteilungen*. Madrid: Deutsches Archäologisches Institut. n.º 47, p. 295-409.